

SABRINA BELO FERRO

**A *MENSAGEM* DE FERNANDO PESSOA:
POESIA, MISTICISMO, MESSIANISMO**

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA
PUC-SP

SÃO PAULO
2007

SABRINA BELO FERRO

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Mestre em Literatura
e Crítica Literária à Comissão Julgadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando
Segolin.

São Paulo

2007

À minha mãe, Maria do Carmo,
por ter sempre acreditado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por oferecer-me saúde para ultrapassar os obstáculos da vida que escapam à esfera Acadêmica.

Agradeço aos meus familiares que me apoiaram nos momentos mais difíceis, em especial à minha estimada mãe, sem a qual eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que forneceu a bolsa de estudos que possibilitou minha pesquisa.

Agradeço aos mestres desta casa, em especial à professora Beatriz Berrini pela confiança ao conceder a mim uma das bolsas para um curso de verão pela Fundação Eça de Queiroz, em Portugal. Esta oportunidade que a professora ofereceu-me foi de vital importância em minha formação.

Porém, meu maior agradecimento fica ao meu orientador, o Professor Dr. Fernando Segolin. Suas reflexões, sua paciência, seu saber e sua compreensão se mostraram de extrema importância no processo de pesquisa e construção desta dissertação. Com ele, aprendi que a paixão por Fernando Pessoa, um escritor já tão estudado, pode resultar sempre resultar em uma nova perspectiva de estudo para esta fascinante poética. Por fim, agradeço a contribuição dos professores que participaram de minha qualificação e, que, farão parte de minha Banca Examinadora.

A todos, muito obrigada.

*Dae-me uma alma transposta de argonauta
Fazei que eu tenha, como o capitão
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta
Que chama ao longe o nosso coração,
Fazei-me ouvir, como a um perdão,
Numa reminiscencia de ensinar,
O antigo portuguez que falla o mar!*
(Fernando Pessoa. *Poemas Esotéricos*)

Resumo

A proposta desta dissertação é analisar a poesia ortônima de Fernando Pessoa na obra poética *Mensagem*. Em nossa pesquisa, examinamos o poeta Fernando Pessoa como um de seus heterônimos e a poesia ortônima como uma poética que recupera valores arcaicos de poesia. Nestes valores arcaicos, a poesia é uma linguagem de inspiração divina. Deste modo, o poeta é um mensageiro divino e a poesia é a mensagem divina.

A partir desta perspectiva, a poesia é uma linguagem mais mística do que artística. Na *Mensagem*, Fernando Pessoa mostra-nos esta concepção poética. Analisamos esta poesia, com base em teorias filosóficas de Platão, especificamente a teoria poética do diálogo Íon. Esta poesia ortônima representa um resgate da poética arcaica e dos preceitos religiosos de Orfeu, cuja poesia é o canal. Por isso, investigamos o poeta como um mensageiro que por inspiração canta uma linguagem divina por meio do mito e a poesia como uma linguagem religiosa.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *Mensagem*; misticismo; messianismo; Platão;.

Abstract

The purpose of this dissertation is to analyze orthonomic poetry of Fernando Pessoa in the poetic work *Mensagem*. In our research, we examine Fernando Pessoa like one of his heteronyms and the orthonomic poetry like a poetic that recalls archaic values of poetry. In these archaic values the poetry is the language from divine inspiration. This way, the poet is a divinity messenger and the poetry is the divinity message.

From this perspective, the poetry is a language more mystic than artistic. In the *Mensagem*, Fernando Pessoa shows us this poetic conception. We analyze this poetry with the support of the Plato's philosophical theories, specifically the poetic theory of the *Ion* dialogue. This orthonomic poetry is the recall of the archaic poetic and Orpheus's religious precepts, whose poetry is the channel. For this, we investigate the poet like a messenger that sings a divinity language through the myth and the poetry like a religious language.

Keywords: Fernando Pessoa; *Mensagem*; mysticism; sebastianism; Plato;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I. A voz ortônima: a poesia de inspiração místico-platônica.....	13
1.1. A questão platônica em Fernando Pessoa.....	14
1.2. O diálogo <i>Íon</i> : a definição da poética ortônima.....	23
1.3. Poesia e misticismo: uma religião sem fé.....	33
1.4. Fernando Pessoa e Orpheu: o resgate da poesia arcaica.....	44
CAPÍTULO II. <i>Mensagem</i> : a poesia como um canto religioso.....	47
2.1. Uma leitura platônico-poética de Portugal.....	48
2.2. Mito, fé, poesia e Império.....	60
2.3. O ritmo e os símbolos de um ritual.....	72
CAPÍTULO III. A obra <i>Mensagem</i> : um oráculo?.....	77
3.1. O poeta como mensageiro: sebastianismo racional x nacionalismo místico.....	78
3.2. A linguagem poética como profecia nas epígrafes.....	85
3.3. O poeta-profeta no poema <i>Terceiro</i>	91
3.4. A poesia nos poemas <i>O Dos Castellos</i> , <i>A Última Nau</i> e <i>Nevoeiro</i>	93
CONCLUSÃO.....	99
BIBLIOGRAFIA.....	102

Introdução

Escrever sobre Fernando Pessoa é, antes de tudo, um grande prazer, pois é fruto de uma paixão, no sentido de arrebatamento exacerbado e até mesmo catártico que a escrita pessoana em mim provoca. Nesta pesquisa, este sentimento não teria utilidade alguma se provocasse apenas o encantamento pelo outro. Esta paixão por Pessoa, conduziu-me a uma grande curiosidade pela arte literária em si, a qual Pessoa procura viver em sua obra, pois, como ele mesmo afirma, ele não queria ser um escritor apenas, mas toda uma literatura.

Além disso, se não fosse esta paixão, creio que não teria a coragem para adentrar ao complexo labirinto que é a obra pessoana. Para não perder o “caminho” escolhemos investigar a poesia ortônima de Fernando Pessoa na obra *Mensagem*. Esta tarefa exigiu-me muito mais do que paixão sem dúvida, pois escrever sobre Pessoa é um trabalho árduo, haja vista que este já foi demasiado estudado por grandes nomes da crítica nacional e internacional. Não obstante a vasta bibliografia que existe, ousamos apresentar mais um trabalho.

Por isso, ao iniciar esta pesquisa, buscou-se uma análise de uma questão que já deve também ter sido examinada por muitos. Porém, acreditamos que a nossa reflexão apresenta uma nova possibilidade para a poética ortônima, haja vista que ao tratarmos do Platonismo nesta face da escritura pessoana, não nos detivemos apenas nos mitos platônicos, mas também numa teoria poética de Platão desenvolvida em seu diálogo *Íon*. Neste breve diálogo de juventude, Platão apresenta uma concepção de poesia muito distinta daquela que o faz condenar a mesma na *República*.

Neste trabalho, investigamos uma das faces poéticas que constituem sua obra, no caso o poeta ortônimo, que apesar de possuir o mesmo nome do autor, não é, como querem alguns, o próprio Fernando Pessoa; trata-se, na verdade, de mais um heterônimo. Realizamos o estudo deste ortônimo pelo paradigma da poesia arcaica, cujos valores essenciais são apresentados no *Íon*. Para esta análise da poeticidade do ortônimo, utilizamos como corpus de estudo a obra *Mensagem*. No entanto, há referência a outras poesias escritas por Pessoa, que não integram a referida obra, mas que exemplificam bem o que é esta personificação do poeta antigo feita pelo poeta-personagem Fernando Pessoa.

Sendo assim, no primeiro capítulo desta pesquisa, apresentamos os pontos centrais da questão platônica em Fernando Pessoa, tais como: a teoria da poesia como inspiração divina estabelecida no *Íon*; além, é claro, da visão dual do mundo e do homem; o misticismo órfico que em ambos encontra na escrita uma boa forma imagética. Apresentamos uma análise do caráter religioso da poesia arcaica. Além, da reflexão de como esta se relacionava com o mito. Com isso, investigamos com maior propriedade o resgate que Pessoa realiza desta forma *sui generis* de poeitar.

Por isso, examinamos alguns dos mitos platônicos refletidos na poesia pessoana, de modo a exemplificar a teoria poética apresentada no *Íon* e personificada por Pessoa. O exame desta poesia de inspiração divina realizou-se pela apresentação de alguns valores que a constituíam como uma linguagem essencialmente mística. Investigamos o orfismo como uma religião distinta da que vigorava na Grécia antiga e que influencia de maneira direta a filosofia platônica. Por isso, a poesia ortônima, ao ser a poesia que retoma estes pressupostos platônicos, constitui-se como uma poesia de forte caráter místico.

Contudo, esta poeticidade mística que Fernando Pessoa resgata apresenta novos valores. A revista Orpheu, por exemplo, faz referência clara aos valores do poeta Orfeu e da religião que tem nele o arauto, porém o orfismo de Pessoa é um orfismo cristão. Pessoa retoma a poesia como uma linguagem própria da religião, mas de uma religião primordial. Uma religiosidade primitiva que o cristianismo perdeu enquanto igreja organizada. Pessoa deseja retomar a poesia como canto de louvor à divindade e como expressão do divino sobre o humano.

Por isso, estabelecemos uma breve exposição da relação do orfismo de Platão com o cristianismo gnóstico de Pessoa, sem cometer o risco da leviandade, posto que a geração de Orpheu não escolheu este nome para uma publicação do grupo por mero ornamento estético. Esta poesia órfica configura-se em Pessoa como uma poesia místico-cristã que recupera a sacralidade da palavra poética. Esta religiosidade, não poderia ser a de uma igreja enquanto instituição, para que Pessoa pudesse retomar esta mística primitiva da poesia, teria também que reviver valores que o cristianismo perdeu.

É claro que esta concepção tem a ver com crenças do poeta que estudou maçonaria, cabala, astrologia. Não entraremos no mérito da questão sobre se Pessoa estudou estas correntes místicas como poeta ortônimo ou se como homem, mas o que vale mencionar é que estas são fundamentais em sua mística poética da

Mensagem. Obra em que a poesia é tida como a revelação do oculto e o poeta como o mensageiro da divindade.

Tal percepção, não seria possível em meio ao cristianismo dogmático da religião predominante em Portugal. Fernando Pessoa, quando se diz um cristão gnóstico, está a nos oferecer uma boa pista do que é esta poesia ortônima enquanto linguagem religiosa. Bem como, quando se diz um nacionalista místico e um sebastianista racional está a nos proporcionar uma chave para desvendar o ritual poético da pátria que se manifesta na *Mensagem*.

No segundo capítulo deste trabalho, examinamos a *Mensagem* como a obra de Pessoa que personifica com maestria esta poética mística do passado. A poesia volta a ser a linguagem do mito, o mito agora é o do sebastianismo e os heróis não são os do grande Homero, mas os expoentes da pátria portuguesa, a verdadeira pátria portuguesa. Pessoa faz uma leitura de Portugal que parece ser realmente revelada pelos deuses. Vemos nos poemas a história escondida na história, não há como negar que o que está escrito naqueles poemas não possa ser outra verdade. A verdade que não se vê na história, encontra-se ali em belíssimas metáforas.

Os poemas da *Mensagem*, em sua musicalidade, apontam para esta tentativa de resgate por parte de Pessoa de uma poeticidade primitiva. Os poemas apresentam-se como cantos ritualísticos de uma religião quase que instintiva. Os heróis falam por meio do poeta, como as divindades falavam pelos oráculos. *Mensagem* é a obra em que os valores da poesia primitiva se condensam e se reformulam.

Por último, no terceiro capítulo, analisamos o poeta ortônimo como a personificação dos poetas antigos, ou seja, como aquele que revela uma verdade oculta, a verdade de Deus. A verdade oculta é aquela que se esconde na história portuguesa e a que está por realizar. O poeta vem cantar sua pátria por meio desta poesia mística e anunciar um novo sebastianismo. Examinamos neste capítulo as epígrafes da obra como pistas da profecia poética que se anuncia na *Mensagem*. Além, de poemas que julgamos centrais para tratar da poesia como profecia e do poeta como profeta.

CAPITULO I. A VOZ ORTÔNIMA: A POESIA DE INSPIRAÇÃO MÍSTICO- PLATÔNICA

Muito cedo, a poesia de Pessoa surge unida ao platonismo e a idéia de participação será uma das que mais profunda e vastamente a marcam (Dalila Pereira da Costa. O Esoterismo de Fernando Pessoa)

1.1. A questão platônica em Fernando Pessoa

Para tratar do platonismo em Fernando Pessoa, começamos por uma breve exposição sobre aspectos da filosofia platônica que nos orientam nesta pesquisa. Depois, relacionaremos os mesmos com aspectos literários da obra ortônima de Pessoa. Para tanto, iniciamos com a apresentação de alguns pontos da biografia platônica que nos ajudam a compreender melhor o momento em que algumas de suas reflexões filosóficas foram escritas. Nesta exposição, tomamos como base as formulações de Hamlyn (1990).

Platão nasceu por volta do ano de 427 a.C, em uma família rica e de forte tradição política, ao contrário de seu mestre Sócrates. Após presenciar a morte deste, Platão deixa Atenas e começa suas viagens que marcarão sua vida e sua obra. Durante essas viagens escreve seus diálogos e uma série de treze cartas, cuja autenticidade de algumas é contestada por alguns críticos. Porém, segundo Hamlyn (op. cit.) a sétima e mais longa carta tem fortes indícios de ser autêntica. Nesta carta, dirigida a um de seus amigos estrangeiros, Platão trata com desconfiança a filosofia escrita. É importante ressaltar a forte cultura oral que marca o povo grego e que a filosofia nasce nesta civilização. Os famosos diálogos poderiam ser apenas registros de algumas partes das verdadeiras reflexões filosóficas feitas oralmente por meio de um poderoso jogo argumentação. O que Platão condena na sétima carta não seria justamente o fato de perceber que, por mais que ele fosse fiel às falas dos participantes o fato de converter o oral em símbolo já se perderia muito do original.

Segundo Szlezák (2005) muitos dos diálogos platônicos podem ser considerados como auxiliares de memória. Assim, os diálogos representam um substrato teórico-filosófico de algum conceito debatido oralmente. Pois, a verdadeira reflexão filosófica só seria possível por meio da discussão/argumentação oral. Podemos avaliar os diálogos como o produto de grandes reflexões filosóficas, porém não como a exposição dos conceitos debatidos oralmente, os diálogos seriam uma sistematização, uma demonstração breve de discussões realmente elevadas, que provavelmente iam muito além do que as questões que nos chegaram em forma escrita. Tal nível de reflexão não pode ser totalmente expresso em forma escrita, pois a escrita é uma forma simbólica, não é a melhor forma de manifestação de um pensamento tão complexo. Por isso, Platão constrói boa parte de seus diálogos de

maneira a demonstrar o método de seu mestre Sócrates, este método é o que Platão chama no *Teeteto* de *maiêutica*, consiste no ato de estimular nos indivíduos a verdade que está neles mesmos, por meio de um elaborado processo dialético. A palavra *maiêutica* vem do grego *maieutiké* e quer dizer *arte do parto*. Assim, por imagem, poderíamos entender que a filosofia deveria ser um instrumento para fazer os homens nascerem de verdade, por meio do estímulo de sua razão, eles reconheceriam uma verdade esquecida dentro deles. Tal processo é feito por um vigoroso debate de idéias até que o filósofo faça seu interlocutor reconhecer a verdade que está dentro de si escondida por sua ignorância. Assim, a filosofia é a forma de pensamento capaz de estimular a descoberta de si mesmo, do saber que está escondido em nós. Tal nascimento da razão não pode ser por via escrita, apenas pela argumentação oral, da qual a escrita serve como registro apenas.

Mesmo assim, é pelos escritos platônicos que podemos notar que as idéias deste filósofo se desenvolveram, podemos notar isso na medida em que a influência socrática torna-se menos visível nas obras. Para exemplificar esta evolução do pensamento platônico apresentamos, a seguir, uma divisão dos diálogos feita por Rogue (2005, p. 16-17) com base justamente na evolução e na continuidade da reflexão platônica. Segundo este teórico os diálogos platônicos dividem-se em quatro grupos. São eles:

1º) *diálogos socráticos*: estes diálogos são aqueles escritos nos anos que se seguiram à morte de Sócrates. Estes diálogos são de caráter aporético¹. São eles: *Apologia de Sócrates*, *Críton*, *Hípias Menor*, *Laques*, *Cármides*, *Lísias*, *Hípias Maior*, *Eutrífon*, *Alcibíades*, *Protágoras*.

2º) *Diálogos intermediários*: Estes diálogos foram aqueles escritos após a viagem de 388 à Magna Grécia, são mais elaborados que os precedentes e marcam já uma contribuição platônica em relação ao pensamento socrático. Nestes diálogos os mitos aparecem pela primeira vez como objeto de exemplificação e exposição de conceitos muito abstratos. Nota-se também a influência órfica² e pitagórica³. Além

¹ Aporético vem da palavra *aporia* que designa algo de difícil solução. Consiste numa dificuldade insolúvel devido à confrontação de duas idéias igualmente lógicas, mas contrárias entre si, colocando o espírito na incerteza e no impasse. O leitor é convidado a encontrar a resposta dentro de si.

² O termo *órfica* se refere ao orfismo como uma das religiões de Mistério da Grécia Antiga. O nome orfismo vem do poeta Orfeu que, segundo a Mitologia, teria descido ao mundo dos mortos e depois retornado. Com isso,

disso, questões fundamentais do pensamento platônico começam a ser exploradas. Os diálogos desta fase são os seguintes: *Górgias*, *Ménon*, *Eutidemo*, *Crátilo*, *Menexenas*, *Íon*.

3º) *Grandes diálogos*: estes diálogos são mais sistemáticos em sua perspectiva, são caracterizados pelo dualismo ontológico⁴ e pelo desenvolvimento preciso dos temas disjuntivos⁵, como a reminiscência e a metempsicose. Os diálogos que pertencem a este grupo são: *Fédon*, *Banquete*, *República* e o *Fedro*

4º) *Diálogos tardios*: nestes diálogos há a elaboração, a revisão do pensamento ontológico de Platão. Muitos conceitos estabelecidos nos diálogos anteriores são reformulados. O sistema dialógico de exposição da reflexão filosófica já não é tão fundamental e a figura de Sócrates não aparece mais em destaque. São considerados como diálogos pertencentes a este grupo: *Teeteto* e *Parmênides*, cuja datação exata é difícil de estabelecer. Também são diálogos deste grupo: *Sofista*, *Político*, *Filebo*, *Timeu*, *Crítias*, *Leis* (inacabado).

Por esta divisão dos diálogos, percebemos que a filosofia platônica não segue uma linha exata de pensamento do começo ao fim, pois com o decorrer do tempo questões como o dualismo ontológico são revistas, neste caso, com mais clareza, no *Parmênides*. Sendo assim, em nosso estudo, consideramos que a poesia ortônima de Fernando pessoa é uma poesia de forte influência platônica. Esta questão do platonismo na poesia ortônima pode oferecer incredulidade, se pensarmos na condenação do poeta feita por Platão no *livro X da República*. Pois, como pode um poeta inspirar sua poesia, ou uma parte dela, em preceitos de um filósofo que condena o poeta e, por consequência, a própria poesia?

Tal indagação faz com que muitos críticos considerem a poesia ortônima como neoplatônica, já que esta apresenta muitos preceitos platônicos, como trataremos a seguir. Porém, o neoplatonismo por ser um resgate de Platão feito por pensadores fundamentalmente cristãos, não pode ser aplicado à Pessoa, já que o

o poeta teria ainda vivo conhecido o mundo dos mortos. Para os órficos, o poeta orfeu teria sido o primeiro iniciado nos grandes mistérios dos quais eles eram seguidores.

³ Pitágoras: filósofo anterior a Platão que cria fundamentos filosóficos de caráter essencialmente místicos, mesmo quando trata de números.

⁴ Ontológico aqui é empregado no sentido de Metafísica

⁵ Temas que apresentam mais de uma alternativa de resposta.

poeta busca justamente a essência pagã do cristianismo. Coisa que Longino, por exemplo, não faria. Poderíamos dizer que os platônicos constituem-se como tal por adaptar muitos dos preceitos neoplatônicos ao cristianismo, Pessoa pretende realizar o contrário em sua poesia, readaptar o Cristianismo ao platonismo pagão.

Em nosso estudo, investigaremos a poesia ortônima de Fernando Pessoa, na obra *Mensagem* com base em premissas platônicas. Assim, tendo em vista uma análise mais adequada, apontamos aqui alguns pontos básicos sobre a obra poética de Fernando Pessoa. A obra de Fernando Pessoa é, em seu conjunto, um grande enigma literário. A elucidação deste enigma faz com que a obra de Pessoa exerça grande fascínio tanto em estudiosos de literatura quanto em leigos. Ao nos deparar com a obra de Pessoa, estamos diante de um projeto literário intrigante, pois sentimos através dos textos de Pessoa que estamos como ele mesmo disse, diante de toda uma literatura. Temos um poeta clássico como Reis, um poeta moderno como Campos e um poeta místico como Pessoa ortônimo, todos a compor a obra de um só artista. O próprio Pessoa declarou:

Tornando-me assim, pelo menos um louco que sonha alto, pelo mais, não um só escritor, mas toda uma literatura, quando não contribuísse para me divertir, o que para mim já era bastante, contribuo talvez para engrandecer o universo, porque quem, morrendo, deixa escrito um verso belo deixou mais ricos os céus e a terra e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente (PESSOA, 2004, p.83)

Além disso, o que mais nos causa estranhamento é que a complexidade de tal obra literária não consiste na linguagem em si, mas sim na maneira como o artista compõe a obra, por meio de textos que apresentam características ora semelhantes, ora opostas. Na obra de Fernando Pessoa não há uma só maneira de ver a arte; cada texto que Pessoa cria e personifica em personagens apresenta uma maneira de buscar a verdade, para além do signo convencional. Por isso, Pessoa, que demonstra ser um grande pensador antes de tudo, escolhe a poesia como veículo de exposição de suas idéias e como forma para atingir, seu grande ideal, a busca da verdade.

Essa questão da busca da verdade é um problema da filosofia, contudo a poesia não elabora e formula conceitos como a filosofia. A poesia imagetiza, sensorializa os conceitos. Assim, quando nos deparamos com um texto como o de Pessoa, podemos sentir nossas grandes interrogações como seres humanos em forma poética. Interrogações que são objeto de estudo da filosofia desde Platão até nossos dias e que, de certa forma, se refletem na literatura de todos os tempos. Em Fernando Pessoa temos um grande projeto escritural de busca de respostas para perguntas semelhantes às da filosofia. No entanto, Pessoa escolhe a linguagem literária para realizar o seu projeto. Esta busca é realizada de diversas maneiras por Pessoa. Desta forma, quando lemos Pessoa, temos sempre a sensação, mesmo sem saber bem por que, de que estamos lendo algo que sentimos e não sabemos explicar.

Sendo assim, a obra literária de Pessoa é uma complexa imagem dos conflitos que nos caracterizam como seres pensantes. Isso é o que diz Leyla Perrone Moisés:

Pessoa emblematiza o nó filosófico que nos constitui como ocidentais: o compromisso com a Lei oculta e a grande confiança na possibilidade de tudo conhecer, a culpa e a inocência, a cisão e a harmonia. A dualidade básica do pensamento ocidental, já presente nos gregos mas mantida em equilíbrio no período áureo, transformada em agonia no pensamento cristão, é encenada pelas *personae* pessoanas, num drama em que reconhecemos os impasses a que chegamos todos (2000, p.148)

Portanto, a obra de Fernando Pessoa se constitui como um grande projeto artístico. Neste projeto, o poeta cria uma poesia que compõe imagens dos conflitos que nos constituem enquanto seres humanos, desde os primórdios da humanidade até a atualidade. Assim, fica evidente a grande ligação da obra de Pessoa com a filosofia. Preferimos não falar em influência, mas em um diálogo entre o pensamento filosófico e o pensamento artístico de Pessoa. Todavia, achamos pertinente esclarecer que a linguagem que Pessoa utiliza é a da literatura e não a da filosofia. Por isso, preferimos falar, no caso de Pessoa, apenas em um diálogo entre o

problema filosófico e o literário. Enfim, é importante entender que, para Pessoa, a literatura é uma linguagem capaz de realizar com maior propriedade a busca eterna do ser humano pela verdade. Para tal busca, o poeta cria diversas maneiras de conhecer e as personifica em personagens. Um destes personagens é o poeta ortônimo Fernando Pessoa. De acordo com o próprio Pessoa, trata-se de um orto-heterônimo, ou seja um outro que é ele mesmo.

A voz poética ortônima é composta por um conjunto de poemas que Pessoa constrói para viver as múltiplas formas de buscar respostas para perguntas eternas dos seres humanos. Esta voz se embasa nos pressupostos platônicos a respeito da realidade do ser e da poesia. O artista a personifica com seu nome e a expressa por meio de uma linguagem poética muito ligada à poesia primitiva, ligada ao canto, à dança e, como tal, era a linguagem utilizada em rituais religiosos. Não é por acaso que Pessoa ortônimo dá o título geral de *Cancioneiro* a seus poemas, numa clara alusão à poesia ligada ao canto popular e ao ritual místico.

Dessa forma, podemos dizer que o personagem-poeta Fernando Pessoa é o que assume a linguagem poética como uma linguagem mágica, capaz de ligar o homem e a divindade, o mundo sensível e o inteligível. É disto que trata Dalila Pereira da Costa:

Pessoa deu-nos sua cosmovisão, e tentou ver a essência do seu próprio ser. Por esta tentativa que se faz, não pelo intelecto unicamente, nem pelos sentidos, visando uma realidade imediata sensível; mas uma supra-realidade, que essa esconde. É esta última que urge conhecer. O seu realismo é transcendental; como platônico que sempre foi, a sua concepção é realista, mas empossando o mundo invisível, o supra-sensível, dessa realidade verdadeira. (1987, p.12)

Assim, a poesia é linguagem intermediária entre o humano e o divino. O poeta é o emissário da divindade por possuir o dom de dominar esta linguagem peculiar, que escapa ao signo humano convencional. Esta poesia do personagem-poeta Fernando Pessoa é uma linguagem de busca de si mesmo por meio do outro, seja este outro a divindade ou outro poeta. É uma poesia de fortes características

místicas. A poesia ortônima de Pessoa é aquela em que o poeta é o mensageiro do divino, do inteligível. As concepções platônicas que mencionamos anteriormente são a raiz dessa voz poética.

Devemos, porém, ressaltar que o platonismo é um fator essencial na obra pessoana em suas diversas vozes. Os preceitos platônicos são a base para a construção do projeto literário de Pessoa, que ora nega esses preceitos, ora os reafirma. Na voz ortônima há a reafirmação dos preceitos platônicos. Nesta voz poética, a concepção de poesia assemelha-se àquela que é formulada no *Íon*, e não na *República*, em que o poeta é condenado. Por outro lado, a *República* e outros diálogos platônicos como o *Banquete* devem ter inspirado a concepção de realidade a ser expressa por meio da voz poética ortonímica, haja vista o poema *Eros e Psiquê*.

Neste poema, Pessoa exprime a visão platônica de que somos criaturas separadas em nossa origem. No *Banquete*, Platão trata dessa cisão inaugural como um castigo ditado por Zeus aos humanos em virtude do orgulho destes. Essa cisão nos marca consideravelmente até hoje, pois mesmo sem saber o porquê, sentimos uma inquietação que nos impulsiona a buscar por algo que, muitas vezes, não sabemos o que é. Estamos sempre a ansiar por alguma coisa, nunca estamos totalmente satisfeitos, porque nos falta a nossa outra parte. Vejamos um trecho deste poema que retrata esta eterna busca do outro que, na realidade, é nosso ser:

“Longe o Infante, esforçado, / Sem saber que intuito tem, / Rompe o caminho fadado. / Elle d’ella é ignorado. / Ella para elle é ninguém. / Mas cada um cumpre o Destino – / Ella dormindo encantada, / Elle buscando-a sem tino, / Pelo processo divino / Que faz existir a estrada. / E, se bem que seja obscuro / Tudo pela estrada fora, / E falso, elle vem seguro, / E, vencendo estrada e muro, / Chega onde em somno ella mora. / E, indo tonto do que houvera, / À cabeça em maresia, / Ergue a mão, e encontra hera, E vê que elle mesmo era / A princeza que dormia.”

Assim, Pessoa expressa a sua leitura da imagem citada por Platão no *Banquete* para exemplificar a cisão original de todo homem. Observemos, então, uma passagem do referido diálogo, em que Platão relata o castigo de Zeus:

Depois de longa meditação falou Zeus: – “ Creio que encontrei um modo de permitir que os homens existam, mas domesticados, tornando-os mais fracos: cortarei cada um deles em duas partes, e assim obteremos essa dupla vantagem: ficarão mais fracos e mais úteis, porque serão mais numerosos para nos servir. Caminharão mais tesos sobre duas pernas apenas (...). Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra.. quando se encontram, abraçam-se e se entrelaçam num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre(PLATÃO, 2004, p. 121)

Este trecho do *Banquete* exemplifica a questão da busca do outro, um dos temas centrais da obra literária de Pessoa. Todavia, no diálogo, o filósofo faz uma exposição muito mais complexa do assunto, porém julgamos pertinente ao nosso estudo somente a questão dessa divisão inaugural. Por isso, não apresentamos aqui em pormenores a questão da formação da espécie humana. Entendemos que as passagens que mencionamos demonstram com clareza o que Pessoa imagetiza em *Eros e Psiquê*.

Outro exemplo é o *mito de Er*, que aparece no final da *República* e trata da permanência da alma no mundo das idéias. O *mito de Er*, também conhecido como mito da Reminiscência, é uma imagem em que o pastor *Er* é levado por uma deusa até o reino dos mortos, para onde, segundo a tradição grega, os poetas e os adivinhos eram conduzidos. Ele encontra a alma dos mortos serenamente contemplando as idéias. Devendo reencarnar-se, como ascense, as almas escolhem livremente a vida que terão em sua nova existência. Antes de reencarnar, porém, as almas são levadas ao rio Léthe (esquecimento). As almas que escolhem uma vida de prazeres, poder, riqueza bebem das águas desse rio do esquecimento.

Com isso, na vida terrena, os que buscam a sabedoria, mesmo sem exatamente o que procuram sentem uma vaga lembrança de algo que eles não entendem, e buscam conhecer cada vez mais, pois sentem de alguma maneira o que já viram e tiveram em outra realidade. Ao contrário, os que se entregam à alienação do mundo ficam com uma visão limitada e não questionam se o que vêem é verdade ou não. Por isso, Platão fala, por meio de Sócrates, no *Mênon*, que conhecer é lembrar.

Desta maneira, percebemos que Platão concebe duas realidades distintas, a sensível e a inteligível, a primeira é o mundo da aparência, das sombras das idéias verdadeiras que estão na realidade inteligível. As almas são o elemento imutável e, portanto, divino, que liga o corpo sensível à idéia verdadeira, inteligível. Dessa forma, cada alma contempla, em sua individualidade, todo o conhecimento. Quando “cai” neste mundo sensível, esquece-se e deve ser estimulado a lembrar. A busca do Ser das coisas é um dos grandes problemas da poesia pessoana e, na *Mensagem*, esta preocupação ganha vida por meio de uma busca místico-platônica, em que a poesia vem reviver no mundo moderno o que era no mundo clássico e, ao mesmo tempo, criar uma nova mística que une as idéias platônicas com as cristãs do ponto de vista de várias doutrinas, mais notadamente a Maçonaria e a numerologia cabalística.

Assim, podemos dizer que o mundo inteligível refere-se ao ideal, à idéia, ao imutável, enquanto o sensível é o mundo da aparência, da imitação e do mutável, paralelo ao mundo inteligível. É claro, que a explicação que oferecemos das teses platônicas é demasiado simplista em termos filosóficos. Porém, acreditamos que, em termos de reflexão literária, é apropriada ao nosso estudo. A questão da alma que cai no mundo sensível é explicada por Platão no *Fedro*, através do mito da parelha alada. Este mito é uma construção imagética, em que a alma é simbolizada em uma situação composta por três elementos: dois cavalos e um cocheiro; um cavalo é dócil, o outro intempestivo. Assim, para Platão, a alma é formada por esses dois cavalos controlados pela Razão (cocheiro). A alma não é maniqueísta, ou seja, não é totalmente boa nem má. Contudo um dos lados prevalece. Quando isto acontece o cocheiro perde o equilíbrio e a alma se materializa em uma forma sensível em que fica presa.

Em virtude disto, deve-se tentar guiá-la ao seu estado ideal, em que a Razão governa absoluta e controla as emoções. Por isso, Platão condena o poeta na *República*, já que este privilegia a emoção em detrimento do equilíbrio ideal. O poeta, no caso, é considerado nocivo a uma sociedade que tem como meta este equilíbrio ideal; um cidadão que privilegia uma estética estimuladora da emoção sobre a razão não pode ser aceito nesta sociedade. A linguagem poética é uma linguagem em favor das paixões e dos retratos miméticos das sensações e não, por exemplo, em favor das questões político-filosóficas. O filósofo é o ser capaz de lidar com a linguagem poética, já que este não se deixa levar pela emoção. Platão abre

apenas uma exceção para o uso desta linguagem pelo poeta. Essa exceção é debatida no *Íon* em que o filósofo fala de uma poesia superior, na qual o poeta não realiza uma imitação como de costume, mas reproduz uma mensagem divina.

1.2. O diálogo Íon – a definição da poética ortônima

Neste pequeno diálogo da juventude, Platão apresenta o poeta como um ser inspirado pela divindade. Há aqui a nítida expressão do embate que se dava na época entre a forte tradição homérica e a nascente filosofia. É claro que este processo começa com Pitágoras, porém é a partir de Sócrates que a filosofia começa realmente a fazer frente ao pensamento mítico-poético. O pensamento poético grego tem raízes tão profundas que o próprio Platão em seus diálogos escreve utilizando muitos recursos poéticos, como um bom exemplo desta herança poética, temos o fato de Platão expor conceitos complexos por meio de mitos, como construções imagéticas de uma idéia. Não há somente a sistematização das teorias, mas sim a expressão das mesmas em imagens formando, assim, mitos célebres como o mito de Er e a alegoria da caverna.

Sendo assim, nos diálogos platônicos notamos a profunda relação entre a filosofia e a forte tradição poética do povo grego. Com o advento da filosofia, valores místicos que impregnavam a poesia não desaparecem, pois nenhum fator cultural desaparece por completo e dá lugar a outro. Nenhuma escola literária acaba definitivamente para a outra surgir, o que ocorre é a sobreposição de um estilo em relação a outro. É difícil imaginar que o mesmo não tenha ocorrido entre os valores mítico-poéticos e os laico-filosóficos.

A filosofia é o ponto culminante de todo um processo de evolução do pensamento do homem grego, um processo que como Vernant (2002) examina vai do pensamento mítico à razão. O poeta, tal como Hesíodo na *Teogonia* apresenta em sua escrita poética a expressão da verdade que os deuses apresentam-lhe. Assim, a poesia é uma arte mágico-religiosa que trata de uma verdade oculta que é a verdade do mito. O poeta é o mensageiro dos deuses, uma espécie de oráculo. A verdade divina a que o poeta tinha acesso por meio da inspiração das Musas é um privilégio de poucos homens. Isso conferia ao poeta um prestígio especial, pois sua arte era tida como a expressão pura da divindade e, portanto, constituía uma verdade incontestável.

A filosofia vem colocar a poesia como uma arte humana, assim como a própria filosofia. Porém, o que Platão faz é afastar o objeto da filosofia e o da poesia. No *Íon*, a rapsodo não é ridicularizado, como querem alguns estudiosos. Sócrates apenas faz com que o rapsodo Íon reconheça que sua arte é pura inspiração divina, tal qual a de Homero. A poesia não é propriamente uma técnica, já filosofia é produto daqueles que buscam o saber, só a filosofia pode nos aproximar ao máximo do Belo. Nenhuma arte, para Platão é capaz de realizar o que a filosofia é consegue. Portanto, Platão acredita que a poesia, quando trata de técnicas de guerra, não está a dizer uma técnica, pode no máximo revelar a palavra dos deuses. No início de suas reflexões, Platão ainda reconhece a poesia como reveladora destas verdades divinas. Na *República*, a poesia como inspiração sequer é mencionada, pois a condenação é da poesia como uma arte imitativa que afasta o homem do racional. O objeto dos dois diálogos é muito distinto. Por isso, não podemos considerar a posição de Platão diante da poesia como sendo apenas aquela que ele apresenta no décimo livro da *República*.

Em nosso estudo, nos prendemos à reflexão platônica a cerca da poesia realizada no *Íon*, porque neste diálogo preserva-se a força do discurso poético e toda a tradição da cultura oral grega cuja linguagem poética é o mais belo produto. Coloca-se, também, em evidência que os mitos poéticos não são o produto de uma técnica de alguém que é abençoado com tal. A poesia é fruto de uma possessão divina do homem, a poesia é uma fala da divindade. Há uma exposição da cisão entre o pensamento mítico que a poesia representa e o pensamento racional representado pela filosofia. Sendo assim, como a personagem Sócrates enfatiza diversas vezes que a poesia não é um saber técnico e sim uma inspiração. O que o filósofo parece querer deixar claro é o contraste entre a arte como habilidade e a arte como concessão divina.

No referido diálogo, aponta-se a oposição entre duas formas de pensar que até então se confundiam no mundo grego: o pensamento fruto do entusiasmo e o pensamento técnico. O primeiro representa a tradição mágico-religiosa da poesia que arrebatava os poetas, os rapsodos e os espectadores. Já o segundo tipo de pensar, ao qual o poeta distingue como técnica representa o anúncio de uma nova modalidade de sabedoria, fundada no *noûs*⁶, a suprema faculdade intelectual do

⁶ Termo grego que pode ser traduzido como mente, espírito ou inteligência.

homem. A poesia também se constitui numa espécie de saber, mas é um saber fruto da divindade e não da reflexão humana. Há um problema muito complexo, pois a distinção entre técnica e saber é muito difícil, como tratam críticos ao se referirem às dificuldades de tradução destes termos gregos. Em nossa pesquisa, podemos dizer que neste diálogo de juventude, Platão ainda reconhece na poesia valores da cultura grega que são essenciais como: a musicalidade da língua e a força dos mitos expressos na poesia que colocavam diante dos sentidos humanos forças divinas ocultas em nós mesmos ou em outros planos de realidade. A crítica da *República* já é fruto de uma filosofia consolidada como tal e de uma preocupação com o Estado ideal, não com a estética das artes.

A poesia grega constituía-se como o veículo ideal para transmitir ensinamentos éticos. A educação grega baseava-se na *mousiké*, ou seja, baseava-se num conjunto de atividades sob o patronato das Musas, estas atividades incluíam poesia, canto, música e dança. Todo jovem tomava como modelo as ações dos heróis cantadas pelos poetas. A formação educacional na Grécia arcaica dava-se por um processo de imitação. O objetivo era tornar o aluno o mais próximo possível aos homens virtuosos do passado retratados nos poemas. Já quando adulto, o homem que recebia tal educação participava como artista ou como espectador, nos diversos jogos dedicados ao drama, à tragédia e à comédia, à poesia épica e lírica. Em um mundo em que os mitos poéticos não tinham distinção entre a realidade dos fatos, a filosofia vem distinguir a verdade do mito e a verdade histórica que os mitos vêm falar.

Por isso, não eram as qualidades estéticas da poesia que motivavam a profunda difusão na comunidade grega, mas a sua eficácia pedagógica em passar adiante uma série de disposições éticas. No *Íon*, vemos que a poesia grega era de vital importância ao ponto de merecer festivais dedicados somente à poesia como os festivais dedicados à atividade física, chamados de Jogos. No *Íon*, há referência justamente a um desses festivais dedicados à poesia, as Panatenéias. A poesia era merecedora de uma audição pública. O rapsodo apresentava os versos de Homero diante de inúmeros espectadores. A poesia era para ser cantada, dançada, declamada.

Nesta audiência, muitos mitos que a poesia expressava provocavam no público a certeza de que tudo ali era a mais pura verdade. Isso porque a poesia, em sua linguagem tão distante da convencional, é o principal veículo de comunicação

em todas as esferas de uma cultura marcada pela oralidade e pela musicalidade natural da língua, além da escrita não ser umeio amplamente difundido. A poesia trágica encenada nos teatros provocava o despertar de paixões. Aristóteles identificará este fenômeno como catarse. A poesia está na raiz do teatro grego, haja vista que estas eram compostas em versos. As paixões vinham a tona por estados como a compaixão e o terror.

Estes efeitos da poesia ultrapassavam a sua finalidade didática, talvez aí o seu “perigo”. Os mitos que a poesia expunha, ora em declamações, ora em encenações trágicas provocavam tal reação em seus espectadores provavelmente porque no pensamento grego até então não havia distinção entre o mito e a fantasia, não havia sofisticação do pensamento racional a ponto de separar o real do imaginário, ou em termos mais aristotélicos de separar a verdade da arte como ficção e a verdade histórica que muitas vezes não está ao nosso alcance imediato. Para buscar este tipo de conhecimento devemos estimular o saber pela razão, é isso que a filosofia vem suprir. O saber provocado pelo entusiasmo é um saber prejudicial.

Em um mundo como o nosso, é difícil de entender a complexidade de uma cultura em que tudo girava em torno do mistério da divindade, uma sociedade que tinha consciência da presença constante do divino. Os mitos eram as imagens humanas do sagrado. Havia uma identidade profunda entre mito e poesia, e entre ambos com a religião. A religião grega não possuía textos sagrados e, até o século V a. C, sua cultura ainda era predominantemente oral. O sagrado tinha no discurso poético uma forma privilegiada de expressão, como ocorria nos oráculos, em que a reposta divina assumia um padrão versificado.

No *Íon*, Platão apresenta uma teoria poética oposta à visão tradicional das poéticas pré-platônicas. O filósofo parece indagar-se sobre como Homero pode falar com tanta proficiência sobre vários assuntos. A primeira resposta platônica é desenvolvida no *Íon*. O poeta é um mensageiro das Musas, não possui controle sobre sua atividade poética. A poesia é um canto divino. O divino é que nos revela tantas coisas belas e verdadeiras.

A segunda resposta, tem sua formulação no *livro X da República* na conhecida condenação do poeta. Neste livro, o filósofo analisa a poesia pelo conceito da mimesis, como conceituará mais tarde Aristóteles o que Platão aqui chama de imitação. Valendo-se da pintura como paradigma da atividade mimética,

Sócrates compara o pintor a alguém que, com o auxílio de um espelho, produz imagens dos objetos do mundo sensível.

Aqui o poeta apenas imita os modelos sensíveis das idéias verdadeiras. Capacidade do poeta em criar retratos poéticos tão perfeitos que mesmo sendo uma mentira ao ganhar uma bela maquiagem parecem ser a verdade. A poesia torna verdade o que na realidade é mentira, ao despertar paixões por meio de imagens tão belas que cegam os olhos humanos, só os sentidos afloram a razão fica esquecida, pois o olhar da razão, ou o olhar do filósofo vê logo que se trata de uma mentira. A poesia cria imagens plausíveis sobre medicina, estratégia militar ou navegação como faz Homero por meio do encantamento da palavra. Em ambos os diálogos, há um ponto em comum a poesia não é fruto apenas de uma técnica. Embora, no *Íon* a noção de inspiração não apaga de todo a técnica como afirma Vernant

O filósofo grego Platão, bem como seu discípulo Aristóteles, ofereceu uma contribuição à humanidade que vai além da filosofia. O pensamento platônico sobre poesia até hoje é analisado e, como já dissemos, é de extrema importância na constituição da obra literária de Fernando Pessoa. Estas concepções platônicas que marcam a poesia ortônima, não são, porém, aquelas que aparecem na *República*. As formulações poéticas que vão inspirar a poesia ortônima são as que Platão conceitua em seu diálogo *Íon*. Vejamos um trecho do diálogo, em que Platão demonstra claramente sua visão do poeta e do fazer poético, concepções completamente distintas da *República*, em que o poeta é visto como mero imitador. No *Íon*, o poeta é um ser inspirado pela divindade, no sentido de transmitir uma mensagem oculta e a visão de um mundo superior ao nosso:

Com efeito, o poeta é uma coisa leve, alada, sagrada, e não pode criar antes de sentir a inspiração, de estar fora de si e de perder o uso da razão. Enquanto não receber este dom divino, nenhum ser humano é capaz de fazer versos ou de proferir oráculos. Assim não é pela arte que dizem tantas e belas coisas sobre os assuntos que tratam, como tu sobre Homero, mas por um privilégio divino (PLATÃO, 1988, p.51/52)

Desta forma, o poeta é visto como um ser que, por meio da inspiração divina, compõe seus textos. Estes textos são escritos em uma linguagem intermediária entre o sensível e o inteligível, linguagem que é uma espécie de canto iniciático. Assim, notamos que para Platão o poeta só deve ser considerado como útil à polis se for capaz de compor poesia deste tipo. A poesia é linguagem veiculada pelo poeta, mas inspirada pela divindade. Observemos outra passagem do *Íon*, em que Platão continua a expor seu pensamento sobre o poeta:

E se a divindade lhes tira a razão e se serve deles como ministros, como dos profetas e dos adivinhos inspirados, é para nos ensinar, a nós que ouvimos, que não é por eles que dizem coisas tão admiráveis – pois estão fora da razão – , mas que é a própria divindade que fala e que se faz ouvir através deles (Ibid, p.53)

Com isso, verificamos que para Platão o poeta é o emissário da mensagem divina. Os poemas que este compõe não são obra de sua criatividade e sim da inspiração divina. O poeta e sua linguagem são mediadores entre o humano (sensível) e o divino (inteligível). A linguagem poética está ligada à divindade e, por isso, deve ser aceita e louvada, diferentemente do que Platão afirma na *República*. Enfim, o poeta é um instrumento do divino, e a poesia é o dom que lhe permite desvelar o que está oculto, pois a poesia foge às convenções da palavra habitual. Estes conceitos poéticos do *Íon* é o que mais caracteriza a poesia de Fernando Pessoa ortônimo, como vemos claramente nesses versos de Pessoa: “*Emissário de um Rei desconhecido, / Eu cumpro informes instruções de além*”.

Estes versos demonstram claramente que a voz ortônima é aquela em que Pessoa vai desenvolver uma poesia mística. O poeta é o “emissário” de uma realidade oculta revelada por um ser divino. A poesia é a imagem dessa revelação. Além das formulações sobre poesia, outros conceitos platônicos, como os de realidade e ser, vão inspirar sensivelmente a poesia de Fernando Pessoa, “ele mesmo”. A idéia platônica de que somos seres cindidos em nossa origem e que buscamos nossa metade original é retratada com maestria, como já verificamos, em *Eros e Psiquê*: “*E, inda tonto do que houvera, / À cabeça, em maresia, / Ergue a mão, e encontra hera, / E vê que ele mesmo era / A princesa que dormia*”. Podemos dizer que este conceito platônico inspira a composição de toda a obra de Pessoa,

pois o desdobramento heteronímico parece-nos, uma clara tentativa de encontrar: o meu outro que sou eu mesmo.

Toda a poesia ortônima é impregnada de misticismo. Esse misticismo possui raízes profundas no platonismo. Desta maneira, a visão platônica determina o texto-personagem Fernando Pessoa. Diante de teses e respostas modernas à questão da verdade, Pessoa resgata as idéias platônicas não mais como simples referência, mas como ponto de apoio principal para a construção da poesia ortônima.

Assim, notamos que cada heterônimo personifica uma maneira de buscar essa verdade de que tratamos. O artista Fernando Pessoa não escolhe, porém, um só caminho para trilhar. Isso porque tem consciência do poder da palavra transformada em poesia. Essa palavra tem uma significação singular e, por isso, deve assumir um pluralismo capaz de imagnetizar o maior número possível de idéias. Isto mostra que na obra de Pessoa não há uma só verdade, mas um grande projeto experimental de transformação da palavra em busca da verdade.

Para começarmos a tratar da *Mensagem*, tomaremos como base a seguinte formulação teórica:

O profeta, sendo a quem incumbe o acto de relatar pondo ordem e tornando inteligível um oráculo dizendo respeito à sua comunidade – assim Pessoa assume desde logo na *Mensagem* um cargo sacerdotal, como aquele que comunica directamente com Deus. E, como tal, não se verá falando por si próprio, mas transmitindo esse saber que não é dele, vindo do alto (COSTA, 1987, p. .262)

A partir desta citação, podemos reforçar nosso pensamento, no sentido de que a poesia de Pessoa ortônimo assume realmente um caráter místico como aquele que Platão trata no *Íon*. Assim, o orto-heterônimo Fernando Pessoa é a personificação daquele poeta a que Platão se refere no *Íon*. Esse poeta, que revela o oculto, inspirado pela divindade, atinge o ponto máximo em *Mensagem*. Nesta obra, os conceitos platônicos estão imagnetizados. O platonismo é o canal pelo qual Pessoa revela sua visão oculta da história de Portugal. Esta visão, por ser oculta, não é a visão do poeta em si, mas a visão que lhe advém de outro plano, fora dele. O poeta é um ser possuído pela divindade que lhe proporciona a aparição e a experiência de uma outra realidade. Sendo assim, na *Mensagem*, temos como pano

de fundo um grande questionamento que, de certa forma, é o grande questionamento da obra de Pessoa como um todo. Na *Mensagem*, a grande questão, subjacente a toda questão da leitura da história oculta, é se o que vemos é a realidade ou se é apenas uma parte dela. A visão oculta que Pessoa nos desvela em *Mensagem* é a revelação da história real, pois o que entendemos como fato histórico é apenas um reflexo da verdadeira realidade. Nos poemas da *Mensagem*, vemos outra história escondida atrás da que conhecemos. Temos a sensação de estar diante do que realmente aconteceu, mas que ninguém pôde ver. Pessoa, então, revela que a história encenada nesse mundo sensível é um reflexo e uma consequência da verdadeira história.

Por isso, *Mensagem* é um conjunto de poemas cuja organização se assemelha à organização de um ritual, dada a disposição numérica dos poemas, as divisões das partes, as epígrafes. Em *Mensagem*, empreende-se agora uma nova leitura dos sinais e dos sonhos messiânico-sebásticos do sentir lusíada, para sobre eles anunciar o verdadeiro sentido de Portugal. Em *Mensagem*, a poesia é a linguagem de um ritual sagrado, pois é através dela que o profeta da divindade revela o que vê para além do real sensível.

Em nosso trabalho, investigamos a voz ortônima de Fernando Pessoa, especialmente aquela expressa na obra *Mensagem*, sob o ponto de vista da linguagem poética como transgressão, no sentido que Barthes⁷ deu à palavra. Essa transgressão é o motivo pelo qual Pessoa escolhe a linguagem poética como forma de expressão de seu pensamento. Esta linguagem é adequada ao projeto de ir além dos limites do signo. Isto é justamente o que vemos na *Mensagem*, em que o poeta revela um significado maior por trás dos fatos históricos. O poeta nos revela o que está oculto e que não conseguimos ver porque estamos ofuscados pelas convenções dos nossos signos. É como se o homem não enxergasse por causa da névoa que o envolve. Ao chegar o profeta, a névoa finda. Pensamos, obviamente, em névoa no sentido metafórico.

Sendo assim, Pessoa sabe da responsabilidade de sua missão e esforça-se persistentemente por ver o que mais ninguém vê. Esta antevisão faz do poeta um privilegiado e ao mesmo tempo um sofredor. O poema *Passos da Cruz* demonstra claramente este calvário do poeta-messias. Vejamos um breve trecho do poema:

⁷ Aula. São Paulo: Cultrix, 2004.

“Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar... / O tédio? A magua? A vida? O sonho? Deixa-se...”. O poeta coloca-se como um instrumento da vontade divina. A sua função é ser “a tela” por meio da qual a divindade reflete o plano superior; “Não sou quem descrevo Eu sou a Tela”. Tal missão consagra o poeta, mas em contrapartida faz com que ele sofra, já que esse dom o afasta dos humanos que vivem presos aos signos e não podem sentir o que ele sente. Daí surge a incompreensão que motiva o isolamento do poeta em qualquer lugar que esteja.

Assim, na *Mensagem*, o poeta se coloca como o emissário que anuncia os mistérios revelados pela divindade e, por causa dessa antevisão da história portuguesa, sofre as angustias de sua missão. O poeta tem consciência de que o domínio da linguagem poética é um dom, mas ao mesmo tempo o coloca à margem daqueles que não têm o mesmo dom. Isto faz com que Pessoa se sinta estrangeiro em toda parte. O ortônimo demonstra que tem consciência de seu poder enquanto poeta. Esse poder é o mesmo que levou o Platão da *República* a condenar o poeta por considerá-lo um ser nocivo. Todavia, Platão reconhece no *Íon* que a poesia pode ser algo mais do que simples imitação.

Com isso, o Fernando Pessoa ortônimo assume a postura do poeta que Platão retrata no *Íon*. *Mensagem* é a consagração dessa postura. Por isso, escolhemos esta obra para analisar a poesia ortônima, como a personificação do platonismo, e sua linguagem como a expressão de mais um heterônimo de Fernando Pessoa. Primeiramente, vamos tratar dos aspectos gerais da *Mensagem*, para depois examinar a manifestação dessa poesia como uma linguagem mística ligada à poesia em seus primórdios.

O texto-personagem Fernando Pessoa resgata a poesia em suas origens. O poeta dá vida, na Modernidade, às concepções poéticas da Antigüidade, em que a figura do poeta se confunde com a do sacerdote. A poesia é um canto instintivo que, no entanto foi se perdendo com o surgimento da rima como substituição ao ritmo natural das línguas Antigas. Assim, na Era Moderna a arte poética busca em sua origem este canto primitivo que a liberta do jogo marcadamente formal: “O verso livre e o poema polirrítmico são formações artísticas renovadas. Isto é novas e antigas. Seguindo trilhas da música e da pintura, a poesia moderna também reinventou modos arcaicos ou primitivos de expressão. O móvel de todos é o mesmo: a liberdade. (Bosi, p.90)

A poesia é a linguagem artística por meio da qual se revela que a arte nada mais é do que um sinal divino no homem. É justamente a arte que distingue o homem dos outros animais. Por isso, poesia e profecia estão intimamente ligadas, já que o poeta assume-se como alguém que, por intermédio de uma linguagem especial, obtém revelações de uma dimensão oculta. Assim, a relação poeta-poesia concretiza-se como profeta-profecia. Todavia, não podemos nos esquecer que esta relação fica no limiar entre ambas, pois o profeta não deixa de ser poeta e a profecia também não deixa de ser poesia.

Por isso, a poética que melhor convém à análise do poeta ortônimo, como já dissemos, é aquela apresentada por Platão no *Íon*. Haja vista que neste diálogo, em que o filósofo trata da poesia como uma linguagem que assume a sacralidade da palavra de uma tal maneira, que se torna capaz de transcender os limites do real humano e atingir a Verdade suprema, ou seja a poesia liga o humano ao divino:

É que esse dom que tu tens de falar sobre Homero não é uma arte, como disse ainda agora, mas uma força divina que te move, tal como a pedra a que Eurípedes chamou de Magnésia e que a maior parte das pessoas chama pedra Heracleia. Na verdade esta pedra não só atrai os anéis de ferro como também lhes comunica a sua força, de modo que eles podem fazer o que fez a pedra: atrair os outros anéis, de tal modo que é possível ver uma longa cadeia de anéis de ferro ligados uns aos outros. E para todos é dessa pedra que a força deriva. Assim, também a Musa inspira ela própria e, através destes inspirados, forma-se uma cadeia, experimentando outros o entusiasmo (PLATÃO, op. cit., p.49)

Neste trecho, Platão explica, por meio da imagem da pedra, que a poesia exerce uma força de atração em diversos níveis e cada qual, à sua maneira experimenta esta força. Assim, a poesia é capaz de inspirar um ser e fazê-lo produzir uma nova linguagem que não é a sua, este é o poeta. Ao mesmo tempo é capaz de proporcionar um entusiasmo capaz de fazer alguém declamar versos de outro poeta como se os tivesse ele próprio escrito, este é o rapsodo ou o que podemos, na Modernidade, associar a um ator ou crítico de literatura. Por fim, a

força da poesia é capaz de arrebatá-lo, mesmo quem não a estuda ou a escreve, isto é, os ouvintes, que diante de belos versos entram em transe catártico. Os anéis, atraídos pela pedra, aos quais Platão se refere, são uma bela imagem para representar que a poesia faz o mesmo com as pessoas. Assim, o filósofo coloca o poeta e o rapsodo como encarregados de espalhar essa força e fazer a vontade da divindade em relação aos homens:

Vês, agora, que esse espectador é o último dos anéis de que falei e que, pela virtude da pedra de Heracleia, recebem um dos outros a força de atração? O do meio és tu, rapsodo e actor; o primeiro o próprio poeta. E a divindade através de todos estes, atrai onde quer a alma dos homens, fazendo passar a sua força de uns para os outros (PLATÃO, op. cit., p.61)

Por isso, entendemos que a poesia ortônima de Pessoa é a versão poética desta visão platônica. Na obra *Mensagem*, vemos que a poesia é a linguagem de um ritual sagrado em que temos um poeta-profeta a nos revelar uma mensagem oculta, o poeta expressa os sinais que estão diante de nós, mas que não conseguimos interpretar, pois nossos signos convencionais funcionam como a neblina que impede a visão do que está adiante. Fernando Pessoa tem consciência de que o dom de fazer poesia vai além de fazer belos versos, este dom é uma dádiva divina que impõe aos que a possuem uma missão junto aos homens.

1.3. Poesia e misticismo em Fernando Pessoa

A obra de Fernando Pessoa constitui-se em um labirinto literário dos mais intrigantes e fascinantes da história, pois o escritor português multiplicou-se em tantos outros escritores-personagens que fica-nos difícil estabelecer uma característica única que una todos estes textos como fruto de um só. Porém, podemos afirmar sem cometer erro que Pessoa busca realizar em palavras o que sua raça fez pelo mar, descobrir o que está oculto, mas que está adiante, ir além

dos limites conhecidos. Fernando Pessoa compõe assim um audacioso projeto de escritura com vários caminhos de descoberta, como o próprio Pessoa declara nas suas *Palavras do Pórtico*:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para casar com o que eu sou: Viver não é necessário o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha. Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade. É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa raça

De certa forma, Fernando Pessoa demonstra em sua obra a eterna busca do ser humano por algo que lhe falta e que mesmo inconscientemente se busca. Esta busca do outro que nos falta é uma característica platônica. É claro que a análise do fenômeno heteronímico apresenta diversas possibilidades de esclarecimento, das quais não entraremos no mérito, haja vista que este tema já foi por demasiado estudado com grande propriedade. Apenas compreendemos que é importante ressaltar que aspectos platônicos fundamentam boa parte da obra pessoana. Porém é no poeta ortônimo que estas questões ganham vida com maior nitidez e o resgate da poética arcaica também não desvincula-se de Platão, pois, no Íon, o filósofo trata de uma poesia mística, de inspiração divina, exatamente a concepção de poesia que vigorava na Grécia arcaica.

Como já exemplificamos até aqui, o poeta ortônimo se expressa por meio de uma linguagem de índole místico-platônica que se configura como um texto em que o elemento poético assume um caráter mágico. A poesia é concebida tal como em suas origens, quando era a linguagem própria do ritual, utilizada como meio de iniciação religiosa. Por meio desta linguagem, o homem e a divindade podem se comunicar. Temos um sistema de comunicação em que o místico é a mensagem, o

poeta é o receptor, a divindade é o emissário e o código é a própria língua transformada em língua poética.

A humanidade, desde os tempos mais remotos, sempre concebeu rituais, nos quais a poesia foi a linguagem principal, pois esta sempre esteve ligada ao canto e à dança. Haja vista que canto e dança sempre estiveram na base dos rituais primitivos. É como se o homem, desde os tempos mais remotos, já reconhecesse na poesia um poder especial, um poder que transcende o poder do signo na linguagem convencional. Como vemos na citação a seguir:

Possuído pelas Musas, o poeta é o interprete de Mnemosýne⁸, como o profeta, inspirado pelo deus, o é de Apolo. Aliás, entre a adivinhação e a poesia oral tal como ela se exerce, na idade arcaica, nas confrarias de aedos, de cantores e músicos, há afinidades e mesmo interferências, que foram assinaladas várias vezes. Aedo⁹ e adivinho têm em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram de pagar pelo preço dos seus olhos. Cegos para a luz, eles vêem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Essa dupla visão age em particular sobre as partes do tempo inacessíveis às criaturas mortais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é. (VERNANT, 2002, p. 137)

Vemos, então, nesta exposição de Vernant, um excelente resumo do que era a poesia arcaica e a amplitude que esta adquiria ao confundir-se com o canto religioso. É esta poesia que o Pessoa ortônimo recupera na Era Moderna. A poesia da antiguidade clássica é o meio de expressão para registrar as concepções filosóficas, históricas e religiosas. Enfim, a poesia na Antiguidade é concebida como a única linguagem capaz de traduzir com maior propriedade os grandes pensamentos humanos, já a prosa era uma linguagem secundária, usada para registrar coisas de ordem menos relevante. A poesia confere ao poeta um poder próximo ao da divindade. O homem que domina a técnica poética, e é possuído pelas Musas, é capaz de criar, em suas limitações, tal qual a divindade:

⁸ Memória

⁹ Poeta

O poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem e, por extensão, o fundamento da poesia. O poeta é o doador de sentido. (...) No entanto, sabemos todos, a poesia já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo (BOSI, 2000, p 164)

Assim, a poesia é a linguagem transgressora que rompe os limites humanos e dá ao poeta poderes sobrenaturais. É esta concepção arcaica de poesia que Fernando Pessoa ortônimo personifica. O poeta é um ser possesso e a poesia é a linguagem fruto dessa possessão. A poesia é a linguagem intermediária entre o humano e o divino. Tal linguagem é proporcionada ao poeta e não propriamente um resultado de uma vocação trabalhada. A poesia é inspiração, linguagem instintiva de um ser abençoado por uma força superior. O poeta possui sentidos mais apurados do que os seres comuns. Essa comunhão dos sentidos é que perdemos ao deixar de lado o nosso misticismo natural:

A divindade demonstra-nos, de um modo que não deixa dúvidas, que estes belos poemas não são humanos nem são obras de homens, mas que são divinos e dos deuses, e que os poetas não passam de intérpretes dos deuses, sendo possuídos pela divindade, de quem recebem a inspiração (PLATÃO, op. cit. , p.55)

Com isso, o poeta é um mensageiro do Ser. Isso faz do poeta alguém peculiar, pois sente o que mais ninguém sente e tem a missão de revelar o que os sentidos lhe transmitem. Há uma comunicação com um plano superior por meio dos sentidos. Por isso, a poesia é concebida como um objeto que nos é oferecido pela divindade. Um dos poemas ortôminos de Pessoa trata justamente disso:

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas phrases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anomalo sentido...

Inconscientemente me divido
 Entre mim e a missão que o meu ser tem,
 E a gloria do meu Rei dá-me o desdem
 Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
 Minha missão será eu a esquecer,
 Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas ah! Eu sinto-me altas tradições
 De antes de tempo e espaço e vida e ser...
 Já viram Deus as minhas sensações...

Este soneto é, curiosamente, o décimo terceiro poema dos *Passos da Cruz*. Aqui o poeta deixa claro que seu caminho é um calvário, distinto do de Cristo, mas igualmente penoso. Neste poema, fica evidente que o eu-poético externa palavras que são estranhas a ele mesmo, as palavras vêm à sua boca independentemente da sua vontade: “*E as bruscas phrases que aos meus lábios vêm / Soam-me a um outro anômalo sentido*”. Nesta primeira estrofe, o poeta sintetiza bem a postura do seu eu-poético. O eu lírico é um poeta mensageiro, “emissário” de uma entidade superior. Assim, este tipo de poesia é uma linguagem além arte, além poeta. Sendo assim, o poeta é um artista singular, pois sua arte traz consigo uma prerrogativa fora da arte: a missão de um profeta. A mensagem que vem aos lábios do poeta é a de um ser transcendente que, por algum motivo, o escolhe. Neste soneto, vemos as concepções antigas de poesia que Fernando Pessoa deseja reviver. Esta poesia da Antiguidade é recriada com toques modernos na *Mensagem*.

Já na segunda estrofe do poema, o eu-lírico deixa claro sua função profética, enquanto expõe a dualidade dramática entre o ser homem e o ser poeta: “*Inconscientemente me divido/ Entre mim e a missão que o meu ser tem*”. Esta dualidade é uma marca registrada de toda poesia pessoana e mais intimamente da poesia ortônima. O reconhecimento de que tudo é dual e que devemos, por isso, buscar o Uno em todas as instâncias. As dualidades que Pessoa reconhece e nos

transmite em sua poesia são quase sempre de caráter oximoresco¹⁰, talvez por isso seres comuns não consigam reconhecer com facilidade outro ser tão distinto, como parte de um mesmo ser. Assim, em paralelo com este mundo mutável, imperfeito, existe outro imutável, perfeito, pois tudo tem sua contraparte, seu outro. Contudo, tal nível de compreensão só é possível àqueles que possuem desenvolvida certa inteligência sensorial, que encontra expressão favorável na poesia de vertente mística. Devemos ressaltar, porém, que o misticismo poético está muito ligado aos sentidos primordiais do homem, expressos pelo mito. O ritmo da poesia é a melhor expressão do ritmo natural da vida humana. Mesmo tendo fortes raízes místicas, porém, tal poesia, não despreza a razão, pelo contrário, seu misticismo baseia-se na concretização imagética dos mitos e no desempenho sensorial dos ritos, sendo ambas, segundo os antigos, a melhor forma para conhecer sensorialmente a nós mesmos. Esta poesia dá a base para a percepção dos sentidos e não a emoção, pois quando falamos em sentidos, geralmente confundimos a sensação no sentido de emoção abstrata e não no sentido real de percepção concreta, racional.

Na terceira estrofe, o poeta revela todo o platonismo presente em sua poesia. De acordo com os mitos platônicos, quando caímos neste mundo esquecemos tudo o que vivemos no mundo das idéias, do nosso verdadeiro ser. Só alguns privilegiados têm uma vaga lembrança dessa vida verdadeira que não é exatamente a que julgamos real. Estes seres abençoados são investidos de dons capazes de fazer com que os que não tiveram o mesmo dom possam rememorar essa realidade verdadeira. Este dom é motivo de orgulho, mas os isola, já que o poeta se reconhece como um ser distinto dos demais devido à sua percepção de um mundo oculto: *“E a gloria do meu Rei dá-me o desdem / Por este humano povo entre quem lido...”* ; *“Meu orgulho o deserto que em mim estou”*

Na última estrofe, o poeta demonstra seu orgulho em saber-se um ser que sente os sinais do mundo inteligível do qual fez parte, um mundo anterior a qualquer postulação de tempo. A poesia é a linguagem sagrada que tem uma força mágica capaz de fazê-lo retornar por alguns momentos ao Uno primordial. No final, Pessoa deixa claro que é a sensação a forma de lembrar-se dessa Verdade: *“Já viram Deus as minhas sensações”*. Transcrevemos o poema inteiro, mesmo que não faça parte da *Mensagem*, porque acreditamos que este poema expressa com maior clareza a

¹⁰ O oxímoro como figura de linguagem consiste em unir dois pensamentos opostos em um único enunciado.

poética do orto-heterônimo. Neste poema, notamos claramente o platonismo que marca poesia ortônima e, mais precisamente, a visão poética do *Íon* que coloca o poeta como um emissário da divindade.

Sendo assim, o poeta é o mensageiro de Deus. Essa concepção de poesia coloca os poetas como seres especiais, porque são escolhidos por uma força oculta, mas presente em tudo, para transmitir aos que não têm acesso à mesma visão, por meio da imagem poética, a experiência concreta da verdade. O homem que não pode ver através da “neblina”, pode conseguir sentir os sinais do que está oculto. Com isso, o poeta é o escolhido pela divindade para ser seu emissário. A poesia é um dom, ser poeta é uma missão. Pois, o poeta pode ver além, mesmo que por breves momentos, é o emissário de um Ser superior e tem a capacidade de revelar por meio de imagens os sinais, que só ele pode ver da verdade oculta:

Como “emissário”, foi-lhe dado saber que esses dons a si outorgados, não lhe pertenciam de próprio. Que urgia transmiti-los. È este o papel sagrado, transcendente, que o poeta assume, exemplarmente, como raros. Submetendo a sua vida particular, e a chamada felicidade, a esta missão que o ultrapassa: que era a parte de eternidade em si (COSTA, op. cit., p 78)

Esta formulação de Dalila Pereira da Costa demonstra bem o que é o projeto artístico-escritural do Pessoa poeta que sacrificou a vida do homem Fernando Pessoa: “*Viver não é necessário, o que é necessário é criar*”. A poesia transcende nossa realidade aparente, mesmo quando esta trata de fatos reais, a realidade cantada em versos assume uma outra magia. É algo que está presente, mas que só o poeta é capaz de colocar diante de nossos olhos. Uma prova disto é que se alguém desprovido deste dom tentar fazer um poema sobre Portugal, por exemplo, por mais que tenha técnica, não irá produzir algo de grande valor artístico:

Ele, o poeta, é não encarnação, mas revelação de Deus; e não o autor da sua poesia, mas só um receptor, transmissor. Aqui, não é o indivíduo que lhe interessa, sobre o qual incide a sua intenção, é a sua parte eterna que avulta nestes versos: a metade do

seu ser à qual pertence o que mais tarde chamaria “a vida verdadeira”. E nesta posição, como instrumento de Deus, que lê assume e aceita, não se vê e proclama como um privilegiado. Mas é o apagamento do indivíduo, a humildade, o que ressalta logo nestes versos que marcam o início da consciência desta missão. Apagamento que não exclui a eminente dignidade da sua pessoa, mas que reside nela: porque através dela, lhe é dado ser a voz de Deus. Ele pronuncia o seu verbo na alma do poeta. No poeta surge uma nova forma da sua manifestação. A criatura é tão necessária a Deus como Deus à criatura (COSTA, op. cit., p.77)

Esta citação de Dalila Pereira da Costa permite compreender melhor a concepção poética que Platão propõe no *Íon* e que Pessoa personifica em sua poesia ortônima. A poesia com essa vertente mística é, em Fernando Pessoa ortônimo, de pura inspiração platônica, pois sua linguagem preocupa-se em transmitir a um mundo imperfeito a verdade do Ser perfeito. A função desta poesia é falar de um mundo perfeito em mundo imperfeito. A poesia vem conciliar o imutável, com o mutável, o inconstante. Enfim, a poesia é a linguagem mais próxima que o homem possui com o divino. Desta forma, a poesia é benéfica, pois se afasta da simples imitação que Platão condena na *República*.

Sendo assim, Fernando Pessoa personifica em seu texto ortônimo a visão platônica do *Íon*. A poesia é uma linguagem sagrada, pois é resultado da inspiração divina. Essa inspiração nos instiga à reminiscência, já que imagnetiza sinais de um mundo perfeito do qual um dia fizemos parte. É como se sentíssemos por meio da poesia o resultado da nossa constante busca por algo, mesmo quando não nos damos conta de que sempre estamos em busca de alguma coisa, todos admitem que o ser humano seja sempre insatisfeito.

Com isso, Fernando Pessoa sentia-se especial, diferente por ter consciência do que é ser poeta, pelo menos no que se refere ao tipo de poesia que o poeta ortônimo produz. Pessoa sentia-se responsável em revelar uma realidade que só ele conseguia ver e sentir. O problema do Ser, que marca de maneira significativa a obra pessoana, é uma prova da preocupação do poeta em relação à sua missão. Pessoa buscou, através de diversos textos, resolver a dualidade do ser. Uma das

poucas características constantes, numa poesia tão contraditória como é a de Pessoa, é a busca do verdadeiro eu por meio do conhecimento de um outro que na realidade é o próprio eu.

Essa realidade, tão confusa a nossos olhos, é transmitida, com clareza, pela divindade ao poeta e precisa ser expressa por este. O poder conferido ao poeta atribui-lhe grande responsabilidade. A mensagem da poesia não é a mensagem do poeta, mas a mensagem de um Ser superior que inspira e possui o poeta. Além disso, Segundo Dalila Pereira da Costa (op. cit.) Deus pode aparecer também como um guia, não somente como aquele que concede o verbo.

Esta concepção de poesia contribui, mais do que qualquer outro fator, para que o poeta mude o título, da obra em questão, de *Portugal* para *Mensagem*. Pois, o segundo e definitivo título condiz mais com o caráter da poesia presente na obra. Não negamos a explicação dada pelo próprio Pessoa para o nome *Mensagem* que, segundo alguns rascunhos deixados pelo poeta, é construído a partir de três palavras latinas *Mens agitat Molem*. Tais palavras latinas são uma frase de Anquises, quando explica a Enéias, descido aos infernos, o sistema do Universo. A tradução literal é: *A mente move a matéria*.

Isto justifica bem o aspecto semântico que, como já dissemos é o principal motivo pelo qual Pessoa muda o nome da sua obra nacionalista de *Portugal* para *Mensagem*. De acordo com António Quadros:

Cedo afirmou Pessoa a sua convicção de que a pátria portuguesa foi grande, espiritualmente grande, embora ferida pela infelicidade de graves desvios históricos. Cedo também se exprimiu como um profeta, manifestando a sua convicção otimista de que, mal grado tais desvios, teria um papel universalista decisivo, a desempenhar no grande teatro do mundo ([s.l.], p14)

A poesia mística da *Mensagem* serve como linguagem iniciática que prenuncia a passagem de Portugal ao seu Verdadeiro Ser: o Quinto Império. Assim como o poeta buscou uma iniciação a esse mundo do verdadeiro Ser, fez o mesmo com a pátria. Em *Mensagem*, vemos o herói se tornar um instrumento da Vontade divina. O poeta coloca diante de nós uma verdade que não está diante dos olhos,

mas está presente em tudo e como tal devemos senti-la. Com isso, alcançaremos o Ser das coisas, bem como nosso próprio ser. Tal concepção iniciática é produto de uma visão religiosa peculiar, que reúne o paganismo da poesia clássica que o poeta resgata e o misticismo judaico-cristão da maçonaria e da cabala.

Assim, o caminho iniciático em Fernando Pessoa se dá através de um misticismo peculiar: o paganismo que o poeta resgata como essência da poesia, pois esta arte surge como uma linguagem ritualística para aproximar os homens dos deuses. Além disso, Pessoa busca inspiração em doutrinas místicas que, segundo o poeta, conservam a essência do Cristianismo. Por isso, encontramos em *Mensagem* forte influência rosa-cruz, além da visível preocupação numérica, astrológica e cabalística.

O misticismo é o canal e a poesia é a linguagem própria desse misticismo. A poesia visa a uma iniciação para se alcançar o Ser das coisas. Este conhecimento do ser, só é possível por meio do conhecimento dos sinais divinos que estão diante dos nossos olhos. Saber ver os sinais é o portal para o conhecimento do Ser¹¹. Este conhecer é estritamente sensorial. Por isso, Pessoa por meio de Álvaro de Campos declara: “*Desejo sentir tudo de todas as maneiras*” e também vê em Caeiro o “Mestre”, porque este poeta personifica a concepção de que a forma mais alta de conhecimento é a que decorre da nossa capacidade de vivenciar tudo com os sentidos. Essa é a função da poesia, evocar sinais da verdade através de imagens para iniciar o homem em seu caminho de retorno ao Ser. O poeta é o emissário do Senhor de todas as coisas, o Ser, o Rei como ele o chama.

Portanto, a função dessa poesia não é representar, é fazer com que a realidade apareça, mesmo que seja por meio de representações apenas. O importante é saber ver a essência das representações e não se prender apenas a suas aparências. Mesmo reconhecendo que a palavra poética não consegue escapar totalmente do seu caráter representativo, o que é relevante neste caso é o fato de a poesia buscar a representação para imagnetizar a verdade. A poesia busca a imagem sensorial da verdade para que esta seja sentida concretamente. Por isso, a poesia pode não ser a verdade, mas é a linguagem intermediária entre o Ser e o não ser, ou seja a poesia é linguagem em que o homem mais se aproxima da Verdade.

¹¹ O Ser no sentido platônico é *grosso modo* tudo aquilo que é imutável e que pertence ao Mundo Inteligível, por exemplo a Idéia de cadeira é o Ser da cadeira.

Esta missão consiste no fato de transmitir aos demais o que só os que dominam a linguagem poética podem enxergar. O poeta constrói uma linguagem mágica que transcende a palavra como representação, isto é o poeta enxerga além da névoa em que estamos envolvidos. Pessoa tem a exata percepção da magia que a poesia carrega consigo. Esta concepção é a mesma que a Antiguidade tinha da poesia. Para os antigos, esta linguagem possuía uma força capaz de expor nossos mitos, sem perder sua essência, pois se os mesmos fossem ditos em prosa perderiam muito de seu significado, pois a poesia é a única linguagem que se aproxima mais do ritmo natural da vida, e são muitos os aspectos dessa vida que os mitos caracterizam:

Havia provavelmente, uma forte carga de motivação orgânica e social nesse uso intensivo do ritmo da fala. Toda frase presa ao rito produz no corpo dos participantes uma posição mais tensa e concentrada. O canto primitivo, ligado que está ao princípio sacral das atividades humanas como o nascimento, a alimentação, o casamento, a luta, a morte, reveste-se de um caráter solene (Bosi, op. cit., p.84)

Assim, para os antigos a poesia parece ser a linguagem própria para os humanos transmitirem seus mitos, já que por meio desta linguagem o mito ultrapassa o caráter meramente alegórico e assume sua significação primordial. Com isso, através da poesia, estamos a resgatar nossa verdadeira linguagem e através dos mitos a resgatar nossa consciência primitiva. Essa questão é muito bem exposta por André Malta Campos ao declarar que na poesia grega antiga:

O elemento essencial é a presença do mito, tomado não no sentido de história fantástica ou pitoresca, mais num sentido anterior e mais profundo, em que expressa uma visão da linguagem – potente e iluminada, dom da divindade – e daquilo que ela tem o poder de iluminar, as relações entre os homens e os deuses (2006, p.20)

Esta citação de Campos, parece-nos muito relevante em nosso estudo, já que podemos perceber exatamente as premissas básicas de nossa proposta de

estudo da *Mensagem* como uma poética voltada para o misticismo, em que o poeta recebe junto com seu dom uma missão da divindade. Exatamente o que Platão conceitua no *Íon*. O resgate destas concepções por Fernando Pessoa ajuda nos a compreender a mensagem da *Mensagem*, em que o Sebastianismo assume uma nova feição, totalmente distinta do Sebastianismo convencional.

1.4. Fernando pessoa e Orpheu: o regate da poesia arcaica

Como já analisamos até aqui, Fernando Pessoa personifica em sua poesia ortônima uma poesia mística no sentido platônico. Este misticismo configura-se um misticismo de teor pagão, haja vista que preceitos da religião órfica irão marcar muito a filosofia platônica. Por isso, achamos interessante apontar a relação entre o membro mais ilustre da chamada geração de Orpheu com o orfismo de Platão. Acreditamos, que a revista Orpheu, apesar de ter tido apenas três edições, merece ser mencionada como marca da tentativa pessoana em resgatar valores poéticos muito antigos, não no sentido estético apenas, como as correntes das vanguardas Modernas pretendiam, mas no sentido de revivê-los de uma nova forma.

Assim, quando dizemos que a poesia ortônima personifica valores místicos da poesia Antiga e da filosofia platônica, não estamos a confundir conceitos. Pois, a filosofia mesmo quando procura ser uma arte da busca do saber pela razão, não apaga a essência religiosa da cultura grega, como bem esclarece Ivanete Pereira:

Não se deve (...) pensar que os filósofos gregos negaram os deuses. Ao contrário, traçaram um caminho paralelo a eles, independente na medida do possível. Que seja lembrado o argumento que levou à condenação de Sócrates: negar os deuses da cidade e instituir culto a novas divindades. O fato é que o aspecto divino jamais se separou da Filosofia grega. Desde as primeiras especulações pré-socráticas até a sofisticação das idéias platônicas e a sistematização do pensamento aristotélico haverá raras notícias de textos nos quais o théos, isto é, a divindade, o divino ou deus, esteja completamente ausente (op. cit., p. 73)

Sendo assim, a poesia ortonímica de Fernando Pessoa não adapta o platonismo ao misticismo poético, haja vista que a filosofia de Platão não deixa de ser também uma escrita ligada aos valores místicos em que os mitos expressavam algo além do humano. A filosofia é uma linguagem que busca separar o pensamento mítico do pensamento racional humano, porém, como enfatiza Pereira, a Filosofia consegue este objetivo de maneira parcial, porque mesmo em um grande filósofo como Platão, percebemos a presença permanente da consciência de uma divindade que nos governa.

Esta percepção mítica que permeia a Filosofia Antiga não se separa da mística poética, porque no mundo grego a poesia era a linguagem que cantava os mitos. Estes mitos eram relativos às divindades e aos homens, porque na percepção religiosa dos gregos não havia distinção entre o sagrado e o profano. Assim, em um mundo em que a religião não possuía textos sagrados como um conjunto – mesmo porque até o século V a.c a escrita não se desenvolvera plenamente no território grego – a poesia constituía o canal de propagação destes mitos ligados à religião. É neste ponto que poesia e filosofia se encontram.

Por isso, a filosofia de Platão apresenta tantos elementos místicos e poéticos. Além disso, o orfismo que Platão teve contato foi uma religião que tinha na poesia oral e/ou escrita sua principal forma de expressão. Pois, esta religião pregava que era por meio do canto poético, danças e rituais que o homem poderia ter um contato diireto com a divindade. Muitas concepções que Platão trata em sua filosofia, refletem concepções órficas, como a metempsicose. Vejamos, a seguir, uma breve exposição sobre a questão do orfismo em Platão:

O orfismo (...) teria se valido de poemas e suas interpretações transmitidas através da escrita. (..) O aspecto literário do orfismo foi provavelmente fundamental para se estabelecer um diálogo entre a religião de mistério e a filosofia. (...) Com efeito filósofos (não-iniciados) que conviveram temporalmente com o orfismo enquanto um fenômeno religioso, especialmente Empédocles, Platão, os pitagóricos e alguns autores estóicos, fizeram variadas referências à escatologia e aos poemas órficos. Supõe-se, então, que essas doutrinas foram, aos poucos, assimiladas pela cultura filosófica grega (GAZIZINELLI, 2007, p. 12-13-14)

Com isso, não é errado dizer que muitos dos preceitos platônicos sobre questões como a alma e o Belo partem de preceitos órficos. Por isso, Pessoa ao retomar as concepções poéticas deste tempo busca novamente na figura mitológica de Orfeu, a inspiração tanto para o arquétipo de poeta, como para a religiosidade que este é o arauto. Assim, ao falar de orfismo, em Fernando Pessoa, devemos lembrar que isto é uma referência ao misticismo primitivo da poesia. Fernando Pessoa ortônimo deseja resgatar a mística poética em que a poesia era a linguagem para expressar os mitos divinos, tal como no orfismo antigo.

Dessa maneira, podemos entender que a revista Orfeu recupera esta poesia como linguagem religiosa de essência pagã. Com isso, esta revista seria uma espécie de livro sagrado deste novo orfismo: o cristianismo gnóstico que prega o conhecimento da divindade pelo saber e pelo contato direto por meio da poesia como uma possessão divina.

CAPÍTULO II. *MENSAGEM*: A POESIA COMO UM CANTO RELIGIOSO

Para lá do horizonte dos Gregos Antigos, são numerosíssimos os testemunhos da união profeta-poeta-sábio numa única pessoa, e da crença implícita de que toda sabedoria excepcional é a prerrogativa de pessoas inspiradas ou mânticas, que estão em contato com o outro mundo dos deuses e dos espíritos (Cornford)

2.1. Uma leitura platônico-poética de Portugal

Em nosso estudo, como já examinamos, entendemos a poesia ortônima de Fernando Pessoa como uma poesia de característica arcaizante com inspiração místico-platônica. Para realçar esta questão fizemos uma breve análise dos poemas da Mensagem para evidenciar esta poeticidade mística de que tratamos. Sabemos que os poemas de nosso corpus de estudo já foram analisados com muita propriedade por diversos críticos. Porém, acreditamos que apesar de examinar os mesmos o fazemos por um novo olhar, haja vista que consideramos esta obra poética como uma obra de essência platônica em que tudo é revelado pela divindade. Com isso, acreditamos ser interessante apresentar nossa visão de como aparecem esses aspectos da poesia como inspiração divina do Íon platônico na Mensagem pessoana. Para tanto, expomos a seguir um esquema da disposição dos poemas na Mensagem, para que possamos ter uma melhor visualização que analisamos a seguir. Verifiquemos, então, o esquema:

PARTES	SEÇÕES	POEMAS
<i>I. Brasão</i>	<i>Os Campos</i>	1º O Dos Castellos 2º O Das Quinas
	<i>Os Castellos</i>	1º Ulysses 2º Viriato 3º O Conde D. Henrique 4º D. Tareja 5º D. Affonso Henriques 6º D. Dinis 7º (I) D. João O Primeiro 7º (II) D. Philippa de Lencastre
	<i>As Quinas</i>	1ª D. Duarte, Rei de Portugal 2ª D. Fernando, Infante de Portugal 3ª D. Pedro, regente de Portugal 4ª D. João, Infante de Portugal 5ª D. Sebastião, Rei de Portugal
	<i>A Coroa</i>	Nunalvares Pereira

O Timbre	A Cabeça Do Grypho O infante D. Henrique Uma asa do Grypho D. João O Segundo A Outra Asa do Grypho Affonso de Albuquerque
II. Mar Portuguez	I. O Infante II. Horizonte III. Padrão IV O Monstrengo V. Ephetaphio de Bartholomeu Dias VI. Os Colombos VII. Occidente VIII. Fernão de Magalhães IX. Ascensão de Vasco da Gama X. Mar Portuguez XI. A Última Nau XII. Prece
III. O Encoberto	Os Symbolos 1º D. Sebastião 2º O Quinto Império 3º o Desejado 4º As Ilhas Afortunadas 5º O Encoberto
	Os Avisos 1º O Bandarra 2º Antonio Vieira 3º Terceiro
	Os Tempos 1º Noite 2º Tormenta 3º Calma 4º Antemanhã 5º Nevoeiro

Vamos, agora, estabelecer algumas considerações sobre os poemas da Mensagem:

BENEDICTUS DOMINUS DEUS NOSTER QUI DEDIT NOBIS SIGNUM: esta epígrafe abre a obra Mensagem e significa *Bendito Deus Nosso Senhor que nos deu o sinal*. A epígrafe revela o tom de revelação que a obra vai assumir. A poesia é vista como uma linguagem-além signo. O símbolo desta é oferecido pela divindade aos homens

PRIMEIRA PARTE – BRASÃO: Nesta primeira parte, Pessoa inicia a sua leitura da História de Portugal. O poeta expressa, por meio de uma interpretação

singular do Brasão português, o nascimento de Portugal enquanto nação. Para tal interpretação escolhe o Brasão, marca simbólica da nação, para retratar essa etapa da história em que Portugal se forma e começa a caminhar para o apogeu. Pessoa deixa claro, desde o início, que nada se deve ao acaso. Deus nos dá o sinal, cabe a nós interpretá-lo.

BELLUM SINE BELLO: Guerra sem guerra.

I. OS CAMPOS: Nessa primeira seção, que forma a primeira parte, Pessoa começa a atribuir um outro significado ao Brasão, por meio da leitura dos campos.

PRIMEIRO – O DOS CASTELLOS: o primeiro campo a ser desvendado é o dos castelos. Nesse poema Pessoa revela a simbologia da posição geográfica de Portugal, bem como da Europa e a herança greco-romana da mesma. Tais aspectos são identificados como sinais que explicam o poder oculto que a Europa possui e representa.

SEGUNDO – O DAS QUINAS: o segundo campo a ser desvendado é o das quinas, nele o poeta expressa de maneira enigmática e indireta que o sofrimento de uma nação ou de uma pessoa tem relação com sua fama ou glória. O Cristo sofreu à medida que Deus o ungiu, assim como o poeta sofre com o dom que lhe é concedido pela divindade. Dessa maneira, Portugal, desde suas origens, já tem um destino glorioso a cumprir, mas por causa disso também tem muitas tormentas a enfrentar e suportar.

II. OS CASTELLOS: nesta segunda seção do Brasão, o poeta vai atribuir um significado especial para cada um dos sete castelos que estão no escudo português. Esta seção é composta por sete poemas que simbolizam justamente os sete castelos do escudo, sendo que o sétimo castelo é formado por dois poemas. Nesta seção, o poeta associa cada castelo a uma figura simbólica de relevância para a formação da monarquia portuguesa. Uma homenagem àqueles que contribuíram para as glórias futuras do país.

PRIMEIRO – ULYSSES: o primeiro castelo é Ulisses, figura mitológica que, segundo a lenda, fundou a cidade de Lisboa. Pessoa já dá uma pista com relação à tese que irá defender na *Mensagem*, ou seja, a importância de um mito para uma nação. Por isso, resgata D. Sebastião, como veremos a seguir.

SEGUNDO – VIRIATO: o segundo castelo é representado por Viriato. Este personagem foi um camponês lusitano que resistiu à ocupação romana. Viriato é uma espécie de primeiro herói português que, mesmo antes da formação de

Portugal, emblematiza a essência da raça portuguesa. Atentemos, também, para a seqüência cronológica que Pessoa faz. Pois, Ulisses é o primeiro castelo, por ser um mito de formação; já Viriato é um símbolo da formação do Estado, que realmente existiu. Por isso, Ulisses precede Viriato

TERCEIRO – O CONDE D. HENRIQUE: o terceiro castelo é o conde D. Henrique, nobre francês, que lutou contra os mouros no exército de Leão e Castela. Por seus bravos feitos, foi nomeado governador do Condado Portucalense. Neste poema, o herói e seus atos são guiados por Deus; a espada de D. Henrique é predestinada tal qual a *excalibur* arturiana.

QUARTO – D. TAREJA: o quarto Castelo é D. Tareja, filha do rei de Leão e Castela e esposa do conde D. Henrique. Ela e seu marido são uma espécie de pais da nação portuguesa. Por isso, Pessoa a chama de “mãe de reis e avó de Impérios”.

QUINTO – D. AFONSO HENRIQUES: o quinto castelo é D. Afonso Henriques, filho de D. Tareja e do conde D. Henrique. Foi o primeiro rei português e, por isso, o poeta o chama, fazendo uso de uma grafia arcaizante, de “pae”.

SEXTO – D. DINIZ: o sexto castelo é D. Diniz, conhecido como “rei trovador”. Nesse poema, Pessoa dá um salto no tempo e põe em destaque o sexto rei de Portugal que, em seu gosto pelas Letras, fundou a primeira Universidade portuguesa. O poeta o chama de “*plantador de naus a haver*”, pois D. Dinis plantou os pinheiros que futuramente seriam a base para a construção das caravelas, assim como plantou o saber. D. Diniz, por ser um poeta, demonstra ter sensibilidade apurada para ouvir “a voz da terra ansiando pelo mar”.

SEPTIMO (I) – D. JOÃO O PRIMEIRO: o sétimo castelo é dividido em dois poemas, sendo o primeiro representado por D. João. Neste poema, Fernando Pessoa reforça a idéia de que o homem é refém da vontade divina. Este rei, mesmo sem saber, dá início à concretização do projeto divino para Portugal. D. João é estimulado a lutar contra “a sombra eterna”, isto é, lutar contra a anexação à Espanha. Fundou a dinastia de Avis, cujos reis foram os grandes responsáveis pelo futuro glorioso de Portugal.

SEPTIMO (II) – D. PHILIPPA DE LENCASTRE: o segundo poema que representa o sétimo castelo é simbolizado por D. Philippa de Lencastre, casada com D. João I, e cuja descendência foi de grande importância para a nação portuguesa. A rainha, que só gerou grandes homens, é por essa razão chamada pelo poeta de “humano ventre do Império”.

III. AS QUINAS: nesta terceira seção do Brasão, o poeta vai tratar das quinas que estão no centro do escudo português e representam a essência da raça lusitana. É essa essência que Pessoa busca imagnetizar nesta seção. Assim como simbolizou cada castelo com uma figura emblemática, o poeta simbolizou as cinco quinas do brasão português por meio de figuras relevantes da pátria e que, por sua vez, exemplificam toda a nação. Nos cinco poemas que simbolizam as Quinas, as personagens falam em primeira pessoa: “Firme em minha tristeza”; “Deu-me Deus o seu gládio”; “*Dúplice dono, sem me dividir*”; “Minha alma estava estreita”; “Minha loucura, outros que me a tomem”. Dessa maneira, o poeta assume a posição de um poeta que é profeta e que é arauto de outras vozes. Assim, por meio da poesia, o poeta revela o que vê e permite que outros falem com sua voz. Como no *Íon*, o poeta é um possessor e um inspirado. As *Quinas* representam, na leitura de Pessoa, as cinco chagas de Portugal, como as de Cristo. Dessa forma, Pessoa resgata cinco figuras da história que sofreram, mesmo sem saber, para esse fim. Notamos, mais uma vez a palavra poética como uma palavra sagrada.

PRIMEIRA – D. DUARTE, REI DE PORTUGAL: a primeira quina é representada por D. Duarte, primogênito de D. João I. Teve um reinado breve e conturbado, faleceu de peste.

SEGUNDA – D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL: a segunda quina é simbolizada por D. Fernando, filho do segundo rei português. Este infante teve papel decisivo na consolidação do reino, mas morreu sem chegar a ser rei.

TERCEIRA – D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL: a terceira quina é retratada por D. Pedro, quarto filho de D. João I, preparou o reino até que D. Afonso V adquirisse a maioridade para fazê-lo. No entanto, inúmeras intrigas o colocaram como traidor do rei. Morreu fiel ao rei, mas conhecido como um traidor.

QUARTA – D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL: a quarta quina é simbolizada por D. João, filho de D. Pedro I. A ambição de D. João fez com que usasse dos meios mais inescrupulosos para chegar ao trono. Acabou sendo exilado em Castela, onde morreu na prisão.

QUINTA – D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL: a quinta quina é emblemizada pelo rei mais célebre de Portugal – D. Sebastião. Pessoa busca a figura de D. Sebastião para retratar na última quina a questão dos cinco símbolos de sofrimento de Portugal. Para essa simbolização, nada melhor do que a coragem e loucura de D. Sebastião, que não temeu a morte pela honra do seu povo. Assim

como Cristo se sacrificou para salvar a humanidade, D. Sebastião partiu para a morte, com altivez e orgulho, em nome de seu país.

IV. A COROA: a quarta seção do Brasão é *A Coroa*. Para simbolizar a coroa portuguesa, Pessoa poderia resgatar o nome de um grande rei, dentre tantos que Portugal teve, mas o escolhido para representar a coroa é um fiel escudeiro da casa de Avis.

NUNALVARES PEREIRA: neste poema, Pessoa reafirma que a essência do povo português é nobre, mesmo que alguém não seja da monarquia, como Nunalvares Pereira, que serviu à dinastia de Avis como escudeiro de D. João I. A bravura deste homem fez com que o rei o condecorasse com o título de Dom. Nunalvares Pereira sempre teve muita habilidade com a espada, lutou muito e sempre protegeu o rei, contudo, o que mais se destacava nele era a fé que acabou por chamá-lo ao convento que ele mesmo fundou e onde morreu. A habilidade de lutar, na visão de Pessoa, é um dom divino; Deus usa os grandes homens para fazer sua obra; a magia estava na espada e não nas mãos que a empunham: *“Mas que espada é que, erguida, / Faz esse halo no céu? / E’ Excalibur, a ungida, / Que o Rei Arthur te deu.”*

V. O TIMBRE: a quinta seção do Brasão é o Timbre. Pessoa substitui o dragão, do escudo tradicional, por um grifo. O grifo é um animal mitológico e tem por missão guardar os tesouros da terra. Com isso, o poeta retoma a mitologia para atribuir um novo significado ao brasão português. Pessoa divide o grifo em três partes: cabeça, asa direita e asa esquerda. Nessa seção estão retratados os defensores de Portugal.

A CABEÇA DO GRYPHO – O INFANTE D. HENRIQUE: a cabeça do grifo tem como símbolo o infante D. Henrique, filho do mestre de Avis. O infante contribuiu muito para a expansão marítima de Portugal, participou da tomada de Ceuta.

UMA ASA DO GRYPHO – D. JOÃO O SEGUNDO: uma das asas do grifo é personificada por D. João II, décimo terceiro rei português. Esse rei expandiu a obra do infante D. Henrique. Com isso, foi considerado um príncipe perfeito.

A OUTRA ASA DO GRYPHO – AFFONSO DE ALBUQUERQUE: a segunda asa do grifo é simbolizada por Affonso de Albuquerque, vice-rei da Índia, grande conquistador, figurando dentre suas conquistas as de Goa e Málaca. Respeitado e

temido, como hábil guerreiro e administrador, planejou ser o líder de um grande Império português no Oriente.

SEGUNDA PARTE – MAR PORTUGUEZ: nessa segunda parte, o poeta vai revelar a simbologia da expansão marítima portuguesa. *Mar Portuguese* retrata o apogeu de Portugal e, ao mesmo tempo, Pessoa nos coloca diante de símbolos e mitos que estão presentes em todos seres humanos, acentuando, assim, o caráter universal da *Mensagem*. A poesia-profecia se coloca para nós como uma elucidação dessa época, dos símbolos e mitos dos portugueses, que na realidade estão em todos nós. Pessoa traduz esse momento da história de seu povo por meio de uma poesia com fortes marcas ritualísticas. O poeta expressa sua visão em doze poemas que retratam simbolicamente a expansão marítima portuguesa. Em todos estes poemas, notamos que o homem pode até ser o protagonista e principal agente da história, mas o responsável maior pela ação humana é Deus. Assim, desde o início das navegações até o declínio destas, como vemos em *A última Nau*, tudo é desígnio divino, cabendo ao homem captar e decifrar os sinais divinos, a fim de que todos percebam o que está por trás dos fatos.

POSSESSIO MARIS: *A posse do mar.*

I. O INFANTE: o primeiro símbolo do apogeu de Portugal é o Infante. Neste poema, Pessoa retrata todos aqueles homens que permitiram a conquista dos mares e terras; que estes homens foram instrumentos para a realização da vontade de Deus a fim de unir toda a Terra. Os portugueses foram escolhidos para realizar essa missão: “*Deus quer, o homem sonha a obra nasce, / Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse, já não separasse*”.

II. HORIZONTE: neste poema, está personificada a coragem daqueles que partiam em caravelas e não sabiam o que lhes esperava além do horizonte misterioso. Os corajosos navegantes tinham apenas as lendas e os medos dos antepassados; tudo a frente era um mundo novo por descobrir. A coragem e a esperança desses homens marcam a força poética do *Horizonte*.

III. PADRÃO: no terceiro símbolo de Mar Portuguese, temos Diogo Cão a nos falar por meio da voz oracular. Diogo Cão foi um grande navegador, sua coragem e heroísmo permitiram que suas expedições trouxessem aos portugueses o conhecimento necessário para a grande viagem de Vasco da Gama às Índias. O poema chama-se *Padrão* para ressaltar a importância dos limites que este navegador conseguiu ultrapassar, pois padrão era o marco de pedra que os

portugueses costumavam erguer nos locais conquistados. Assim, Diogo Cão simboliza a expansão marítima, já que ele mesmo nos diz: “*Eu, Diogo Cão, navegador, deixei / Este padrão ao pé do areal moreno / e para deante naveguei*”. Pessoa usa a voz de Diogo Cão (ou será Diogo Cão que usa Pessoa como porta-voz?) para marcar neste terceiro poema que na história, como em sua obra, também ocorreria uma expansão de fato.

IV. O MONSTRENGO: o quarto símbolo é O *Monstrengo*. Assim como temos o *Gigante Adamastor* em *Os Lusíadas*, em *Mensagem* temos o monstrengo para ressaltar que as naus portuguesas ultrapassaram o que na época se pensava ser o fim do mundo, algo aterrorizante e assustador. A coragem dos portugueses, simbolizados pelo rei D. João II, ultrapassa o limite do Cabo das Tormentas e abre o caminho para a conquista do grande mar.

V. EPITAPHIO DE BARTOLOMEU DIAS: nesse quinto poema de *Mar Português*, Pessoa presta homenagem a todos aqueles que morreram nas navegações e que, com isso, contribuíram com a vida para a expansão marítima do Império português. Bartolomeu Dias, grande navegador que descobriu o Cabo das Tormentas e acompanhou Cabral na descoberta do Brasil, morreu num naufrágio a caminho das Índias. Assim, ele simboliza, neste poema, todos aqueles que morreram em nome da conquista do mar.

VI. OS COLOMBOS: neste poema notamos uma leve alusão a Cristóvão Colombo, navegador espanhol, que conquistou grande fama por ter descoberto a América. No entanto, Pessoa ironiza “*E por isso a sua gloria / É justa aureola dada / Por uma luz emprestada*”. Dessa forma, os espanhóis podem ter ficado com a fama de ter descoberto a América, mas foram os portugueses que receberam a luz divina para serem os primeiros conquistadores do mar.

VII. OCCIDENTE: neste poema Pessoa revela a grandiosidade dos descobrimentos portugueses. O poeta exalta os marinheiros lusitanos como aqueles que “*rasgaram o véu*” que cobria o Ocidente. Assim, “*Foi Deus a alma e o corpo Portugal*”.

VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES: o sétimo símbolo que Pessoa utiliza para retratar o apogeu de Portugal, em *Mar Português*, é Fernando de Magalhães. Este grande navegador chegou ao Rio de Janeiro em 1519, depois foi para o Sul; com isso, ajudou no conhecimento da nova terra descoberta: o Brasil. Mas sua grande realização foi ser o comandante da primeira viagem de circum-navegação do globo.

Fernão de Magalhães chefiou esta expedição a serviço do rei de Espanha. Em meio à viagem, descobriu o estreito que, hoje, leva seu nome. Essa descoberta permite à esquadra chegar ao mar do sul, que é batizado de Pacífico. Assim, a expedição chega ao atual arquipélago das Filipinas, onde Fernão de Magalhães é morto em combate com os nativos. Apesar da morte do comandante, a expedição segue, sob outro comando, com muitas dificuldades, a ponto de chegar à Espanha com apenas uma nau. Neste poema, Pessoa ressalta o grande espírito conquistador dos portugueses, cujo destino é desbravar o mar. O espírito do navegador Fernão de Magalhães simboliza, neste poema, o espírito de todos os portugueses. Dessa forma, mesmo diante da morte, Fernão de Magalhães conduz a viagem até a última nau que resiste a todos os sobressaltos da viagem. A alma portuguesa atravessa o mar, até mesmo sob domínio estrangeiro. Fernão de Magalhães, mesmo a serviço de Espanha, não perdeu suas raízes, pois os portugueses têm o mar na sua essência. A alma de Fernão de Magalhães conduz sua expedição até a última nau, como se fosse seu último suspiro.

IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA: neste poema, Pessoa retrata a morte de Vasco da Gama como uma ascensão aos céus. A alma de Vasco da Gama sobe aos céus como a de um santo. Nos versos, “*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra / Suspendem de repente o ódio da sua guerra*” e “*Em baixo, onde a terra é, o pastor gela*”, tudo silencia e pára diante da ascensão de Vasco da Gama. Além disso, o poeta parece querer dizer que essa ascensão é o primeiro anúncio da decadência de Portugal, pois o anúncio definitivo é a morte de D. Sebastião, que Pessoa retratará no décimo primeiro poema.

X. MAR PORTUGUEZ: este poema tem o mesmo nome da seção da qual faz parte. Trata-se de um recurso estilístico que o poeta usa para chamar a atenção do leitor no que diz respeito aos grandes feitos navegatórios de Portugal. Este poema é uma reflexão e ao mesmo tempo um resumo da expansão marítima portuguesa. Com isto, o poeta reforça a significação desse momento histórico e suas conseqüências.

XI. A ÚLTIMA NAU: neste poema, Pessoa coloca D. Sebastião como uma figura mitológica. Assim, com o desaparecimento de D. Sebastião, Portugal também perdeu o poder. Com D. Sebastião vai a última Nau do Império. Essa nau desaparece em meio ao nevoeiro. Contudo, o poeta, por meio da magia da linguagem poética, tem acesso a um mundo superior. O poeta vê, através da

neblina, o rei que ainda ostenta o pendão do Império: “*E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço, / Vejo entre a cerração teu vulto baço / Que torna. (...) Surges ao sol em mim, e a nevoa finda: A mesma, e trazes o pendão ainda / Do Império*”.

XII. PRECE: no último poema de *Mar Português*, Pessoa assume a condição de poeta-profeta, já que ora diante de tudo o que viu sobre a história de seu povo e se coloca como o profeta que ora por seu povo.

TERCEIRA PARTE – O ENCOBERTO: a terceira e última parte da Mensagem trata da decadência de Portugal e da atual situação do país. Essa parte é dividida em três seções que evidenciam a intenção do poeta em tornar clara a sua visão, pois o verdadeiro Portugal está Encoberto. Por isso, Pessoa retoma o Sebastianismo como a crença fundamental desse Império.

PAX IN EXCELSIS: *Paz nas alturas*

I.OS SYMBOLOS: a primeira seção de *O Encoberto* é denominada *Os Symbolos*. Nessa seção, o poeta revela os cinco símbolos da visão que tem do Império Português.

PRIMEIRO – D. SEBASTIÃO: neste poema D. Sebastião fala por meio da voz poética. O Rei explica o sebastianismo não como uma crença de loucos, mas daqueles que entendem melhor o significado dos mitos: “*E’ O que eu me sonhei que eterno dura, / E’ esse que regressarei*”. Com a morte de D. Sebastião, morre o homem, mas não morre o que ele representa, nasce o mito.

SEGUNDO – O QUINTO IMPÉRIO: o segundo símbolo da visão do poeta-profeta é *O Quinto Império*. Neste poema, Pessoa revela que D. Sebastião é o rei-messias do Quinto e último Império da humanidade. Esse Quinto Império irá recuperar a essência religiosa da humanidade: o paganismo. Portugal retornaria ao Cristianismo primitivo, sem a influência de nenhuma igreja organizada em instituição. Assim, Pessoa canta: “*Grécia, Roma, Christandade, / Europa – os quatro se vão / Para onde vae toda idade. / quem vem viver a verdade / Que morreu D. Sebastião?*”

TERCEIRO – O DESEJADO: neste poema Pessoa canta o mito D. Sebastião, não mais o rei. Pessoa é o poeta de uma fé e como tal evoca seu messias: “*Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo, / Mas já no auge da suprema prova, / A alma penitente do teu povo / À Eucharistia Nova*”. Pessoa clama por uma nova fé, uma fé típica de Portugal: o Sebastianismo. Porém, uma crença voltada para a razão, da qual a fé “cristista” afastou o homem, pois nenhuma sociedade realmente forte pode ser construída com base em valores só emocionais.

QUARTO – AS ILHAS AFORTUNADAS: as ilhas afortunadas são aquelas onde, segundo a lenda, o rei D. Sebastião mora. Essas ilhas estão envoltas numa densa neblina, porém o poeta consegue vê-la e ouvir a voz do rei que vem do mar: “*São ilhas afortunadas, / São terras sem ter lugar, / Onde o Rei mora esperando*”. Assim, o messias da nova religião e o do novo Império espera num lugar mágico a hora de retornar, tal como o Cristo espera no céu o momento do juízo final.

QUINTO – O ENCOBERTO: o quinto símbolo de Portugal que o poeta enxerga é *O Encoberto*. Neste poema, Fernando Pessoa, atribui ao mito de D. Sebastião a relevância de um mito divino. O poeta compara o mito cristão ao de D. Sebastião, numa analogia com símbolos da seita Rosa-Cruz. Esta junção paradoxal de símbolos é uma forma de expressar que estes podem ser diferentes, mas a essência da fé é a mesma. Além, é claro, de evidenciar o interesse de Pessoa por sociedades religiosas secretas, que davam outra explicação para Deus e o Cristianismo, sem ignorar a importância de um e outro.

II. OS AVISOS: Nesta seção, Pessoa trata dos três grandes profetas que anunciam esse reino que a poesia permite enxergar. Os três profetas anunciam, cada um a seu modo, a visão do sebastianismo e do Quinto Império.

PRIMEIRO – O BANDARRA: o primeiro Aviso do Quinto Império é feito por Bandarra, um simples sapateiro de Trancoso. Tornou-se um poeta popular e compôs as trovas, poemas proféticos que anunciavam a volta de D. Sebastião. Com isso, Bandarra foi o primeiro profeta do Sebastianismo ao proclamar a volta do rei e a consolidação do Quinto Império, liderado pelo rei desaparecido. As trovas de Bandarra são para o Sebastianismo, o equivalente ao Evangelho para o Cristianismo.

SEGUNDO – ANTONIO VIEIRA: o segundo aviso é o do célebre jesuíta, Antonio Vieira. Neste poema, Pessoa exalta a genialidade do segundo profeta do Quinto Império. Por isso, o poeta canta: “Imperador Da língua portuguesa”. Antonio Vieira foi quem, segundo Pessoa, anunciou com mais propriedade D. Sebastião e o Quinto Império. A profecia assume em Vieira, um tom religioso e estético. Em Vieira a arte e a língua estão a serviço da fé.

TERCEIRO: no terceiro aviso, Pessoa não nomeia ninguém, mas percebemos que se trata do próprio Pessoa. O poeta sente o peso de sua missão de anunciar, por meio da linguagem poética, o advento do Quinto Império e o retorno de D. Sebastião. Pessoa tem de ser profeta, sem deixar de ser poeta. Assim, tem de fazer

poesia voltada para seu Senhor, mas ao mesmo tempo sente angustia por seu trabalho não ter tanto reconhecimento. O poeta parece o profeta que está cansado de pregar sozinho no deserto e se questiona a respeito de quando o seu Senhor irá voltar.

III. OS TEMPOS: nesta última seção da *Mensagem*, o poeta assinala os cinco tempos que marcam o início da decadência de Portugal até os dias atuais.

PRIMEIRO – NOITE: o primeiro tempo é o da decadência das navegações. Assim, o poder do Império se desfez. Neste poema, Pessoa ressalta que, do mesmo modo que Deus preparou as grandes descobertas, agora impede os portugueses de conquistar e de avançar: “*Mas Deus não dá licença que partamos*”.

SEGUNDO – TORMENTA: neste poema, Fernando Pessoa realça a tormenta daqueles que se acostumaram com a grandeza de outrora e agora não conseguem mais realizar grandes feitos: “*Nós, Portugal, o poder ser. / Que inquietação do fundo nos soergue?*”

TERCEIRO – CALMA: o terceiro tempo de Portugal é o da calma, em que tudo permanece estático e nada perturba. Neste poema, Pessoa ressalta que o mar reflete a acomodação dos portugueses. Assim, o som que vem do mar é de uma brisa calma, que já não desperta ambição ou tormenta. Só persiste um barulho ao longe, de uma ilha que ainda guarda o rei perdido: “*Ilha proxima e remota / Que nos ouvidos persiste*”. Essa ilha é o símbolo do espírito verdadeiro de Portugal, que está perdido, mas em algum lugar ainda persiste.

QUARTO – ANTEMANHÃ: o quarto tempo mostra que numa breve amanhã, a *Antemanhã*, os grandes desafios virão chamar seus descobridores. Assim, os senhores do mar despertarão do sono profundo no qual se encontram: “*Rodou e foi-se o monstrengo servo / que seu senhor veio aqui buscar. / Que veio aqui seu senhor chamar - / Chamar aquele que está dormindo / E foi outrora Senhor do Mar*”. Dessa forma, algo misterioso virá resgatar Portugal do estado de dormência em que se encontra; os senhores do mar precisam voltar.

QUINTO – NEVOEIRO: o último tempo é a atualidade marcada pelo Nevoeiro. Neste tempo, o poeta revela o que consegue enxergar através do nevoeiro, ele pode ver a ilha em que o Encoberto está e de onde regressará. O poeta proclama: “*Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a hora!*”.

2.2. Mito, fé, poesia e Império

As questões relativas ao mito, à fé e ao império são latentes em toda a *Mensagem*, pois, nesta obra, resgata-se o misticismo original da palavra poética já que esta se liga originalmente ao rito. É por isto, também, que Fernando Pessoa invoca o mito sebastianista. A fé propagada por Pessoa é um misticismo peculiar com raízes nas origens do cristianismo, muito antes desta fé ter se constituído em igreja organizada. É este misticismo arcaico que Pessoa deseja reviver. Para tanto, coloca-se como os antigos aedos, e como tal assume-se como um profeta que vem louvar a divindade de seu rei. Por fim, a crença no Quinto Império aparece como a grande profecia deste poema, repleto de leituras ocultistas. O Quinto Império aparece na *Mensagem* como uma revisão e readaptação da antiga crença outrora professada por Bandarra e Vieira. Assim, mito, fé e império são aspectos que convergem na *Mensagem* e servem de base à religiosidade poética desta obra que resgata os valores poéticos da Antigüidade. Para entendermos melhor como mito, poesia e fé se confundiam em épocas arcaicas, vejamos duas formulações de Eliade sobre o assunto:

Para o homem das sociedades arcaicas (...) o que aconteceu *ab origine* pode ser repetido através do poder dos ritos. Para ele, portanto, o essencial é conhecer os mitos. Essencial não somente porque os mitos lhe oferecem uma explicação do mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo, mas sobretudo porque ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem (op. cit., p.17/18)

Neta citação temos uma ótima exemplificação da questão do mito nas sociedades arcaicas. Mais adiante, Eliade esclarece como mito e poesia se unem como formas primordiais de comunicação em rituais religiosos:

Não basta conhecer o mito da origem, é preciso recitá-lo; em certo sentido, é uma proclamação e uma demonstração do próprio conhecimento. E não é só: recitando e celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolam esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo “forte”, porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais. Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, “contemporânea”, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao “viver os mitos”, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável (Ibid, p.21)

Dessa maneira, encontramos na *Mensagem* uma poesia mítica e, por conseqüência, mística. A questão do mito na *Mensagem* evidencia o profetismo poético de Pessoa. Toda a questão do mito é muito importante na poesia ortônima de Fernando Pessoa, pois, como já dissemos, os mitos platônicos servem de base à poética ortônima. Partamos, pois, da citação de Pessoa (2004, p.84): “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade”.

Para bem avaliarmos esta questão, tomaremos como base algumas definições. Vejamos:

Mito (gr. Mythos: narrativa, lenda) 1. Narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo¹².

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades¹³.

A partir destas definições, examinaremos agora a definição de Fernando Pessoa a respeito do mito em seu poema *Ulysses*:

PRIMEIRO

¹² JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. 1996, p.1996.

¹³ ELIADE, M. op. cit., p.12

ULYSSES

O mytho é o nada que é tudo.
 O mesmo sol que abre os céus
 É um mytho brilhante e mudo
 O corpo morto de Deus,
 Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou.
 Foi por não ser existindo.
 Sem existir nos bastou
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos creou.

Assim a lenda se escorre
 A entrar na realidade,
 E a fecundal-a decorre.
 Em baixo, a vida, metade
 De nada, morre.

O poeta coloca Ulysses como o primeiro *castelo*, justamente para reforçar a importância do mito na constituição de uma fé, no caso a crença num império abençoado. Ulisses é aqui aquele que inicia a construção do Império português. O poema é composto por três quintilhas. Em cada quintilha os quatro primeiros versos são heptassílabos e o último é tetrassílabo.

Já no primeiro verso, o poeta define imagetivamente o mito: “O mytho é o nada que é tudo”. Este verso define em poucas palavras a complicada questão do mito. A partir deste verso, podemos avaliar que para o poeta, o mito é algo que dá sentido ao que não podemos explicar com clareza, dá sentido ao que não tem sentido. Então, mesmo sendo uma imagem que não existe concretamente, esta imagem irreal nos conduz a uma realidade oculta. Assim, o mito mesmo não sendo nada é tudo. No segundo verso, o poeta refere-se a um primeiro mito que é o sol. Este sol que “abre os céus” é um símbolo de vida e luz. Assim, o sol é um símbolo de tudo o que ilumina e tira o véu da escuridão. Este sol “É um mytho brilhante e

mudo”, ou seja, é mito que, como tal, ilumina algo, diz muito, mesmo sem falar. Outro mito que o poeta menciona é o do “O corpo morto de Deus”, isto é, Jesus Cristo. Esta citação do corpo morto de Deus é uma clara alusão à simbologia do corpo morto de Cristo na cruz, corpo que mesmo morto está vivo como um mito religioso. Este símbolo mesmo “desnudo”, ou seja, mesmo diante da fragilidade do corpo humano de Cristo permanece forte por representar o poder da vida sobre a morte. O que importa não é a morte em si, mas o que esta morte especificamente representa: a vida eterna.

Na segunda quintilha, Pessoa começa a tratar de Ulisses. Um dado curioso é que em nenhum momento do poema temos qualquer referência ao nome de Ulisses, que aparece apenas no título. Se não tivéssemos a referência do título, ficaria difícil saber que nesta estrofe Pessoa está a tratar de Ulisses. Isso deixa evidente que *Ulysses* é um poema em que o importante é justificar a existência e a importância dos mitos e para tal o poeta recupera um mito quase esquecido para a nação portuguesa, pois se a pátria em questão fosse a Grécia seria perfeitamente compreensível esta alusão. Porém, ao se tratar de Portugal, o resgate da figura de Ulisses nos intriga. Podemos nos perguntar: por que Ulisses?

Uma explicação plausível é que o poeta, ao tratar da formação de Portugal, escolhe um mito que se refere à esta formação. O poema trata da presença do mito que está presente nas origens da nação e na construção/consolidação da mesma, além de tratar da importância da constituição de um mito para construir algo significativo. Em suma, Ulisses trata da importância construtiva do mito. Dessa maneira, na segunda estrofe, Pessoa descreve a significação mítica de Ulisses. Ulisses aporta em Portugal, mesmo sem existir: “Este, que por aqui aportou, / Foi por não ser existindo”. Tais versos referem-se à chegada do mito como contributo essencial à formação da nação portuguesa. No poema, não há uma explicação do porquê Ulisses é também um mito português. Mas achamos importante tratar desta questão que nos ajuda a compreender a quintilha. Conta a lenda que Ulisses teria chegado a Portugal através do mar, “aportou” no país e fundou a cidade de Lisboa. O nome da cidade serve de justificativa para esta crença, pois uma das raízes etimológicas da palavra Lisboa é Ulissipo, isto é cidade de Ulisses.

É por isso que o poeta canta Ulisses como aquele que: “Sem existir nos bastou”. Ou seja, Ulisses é um ser inexistente, mas que basta enquanto mito para criar algo muito maior do que ele próprio. Assim, o herói grego, como mito

português, assume o caráter de criador de uma nação: “Por não ter vindo foi vindo / E nos creou”. Ulisses é aquele que pode não ter vindo na realidade, mas veio como mito, uma forma muito superior e verdadeira, que transcende os limites do real e da história.

Na terceira e última estrofe, o poeta conclui a questão do mito. O mito move-se e ganha significação tão elevada que o sentimos como parte da realidade: “Assim a lenda se escorre / A entrar na realidade, / E a fecundá-la decorre”. Assim, o mito faz parte de uma dimensão distinta da nossa, mas ao entrar em nossa realidade dá vida a esta. Com o mito nossa realidade afasta-se mais da aparência e aproxima-se da Verdade. Por fim: “Em baixo, a vida, metade / De nada, morre”. Ou seja, o mito representa uma realidade superior, a realidade da verdadeira vida, a realidade do Ser. Enquanto embaixo, na realidade aparente, a falsa vida morre. Esta vida é a metade de uma realidade, que para nós é o mesmo nada que o mito, pois esta realidade está muito acima de nossa compreensão. Aqui, nesta visão de dois mundos opostos, vemos claramente como a poesia de Fernando Pessoa apresenta muitas características platônicas.

Sendo assim, em *Ulysses*, temos uma bela amostra da concepção mítica do poeta e que este vai traduzir em sua obra *Mensagem*. O mito é a base de tudo em nossa realidade, por que é um elemento ínicia e divino. Antes de Viriato, antes de Afonso Henriques, antes de todos os homens reais temos o homem-mito. Este homem-mito é a raiz que faz fluir toda a energia para aqueles homens-concretos que constroem o futuro. Antes da criação de tudo, temos o mito que estimula a fecundação e a formação de todos os elementos de nossa realidade. Por isso, em *Mensagem*, o poeta invoca o Sebastianismo para atingir o seu objetivo. O poeta afirma claramente:

Temos felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começamos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o encarnar. Feito isso, cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará criada, em que

todos os outros, como nós, o respirem. Então se dará na alma da nação o fenômeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião (op. cit., 165)

Podemos compreender melhor esta afirmação, é interessante lembrar da definição de mito de Jupiassú e Marcondes (op. cit.): “ Narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo”. Assim, Fernando Pessoa resgata o Sebastianismo, para recuperar nos portugueses a lembrança das origens da raça lusitana. Este regate é racional e não emocional.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento (...) Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo (ELIADE, op.cit, p.11)

Sendo assim, o poeta vê no Sebastianismo a chave para despertar os valores perdidos de sua nação. Por meio da retomada do mito sebástico, Portugal poderá ser grande novamente, pois com a morte do rei morreu também a verdadeira pátria portuguesa; mas é o próprio rei mitificado que fará Portugal renascer para cumprir-se como Grande Império. Essa poesia só poderá se mítica se também for mística, religiosa. Vejamos a explicação de Eliade:

Viver os mitos, implica, pois, uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais.

Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixe de viver no tempo cronológico, passando a viver no tempo primordial (op.cit, p.22)

Assim, *Mensagem* configura-se como um canto religioso do ponto de vista arcaico que como tal evoca o mito, neste caso, o mito sebastianista. Pessoa canta o tempo primordial e vem anunciar em sua poesia o Portugal que se perdeu, com o objetivo de despertar a nação para seus valores adormecidos. É nesta poesia, que de características arcaicas que Pessoa resgata também uma escrita antiga do português para evidenciar ainda mais esse passado primordial. Dessa forma, o mito, com sua narrativa teológica, com seus arquétipos e seu símbolos, constitui uma poderosa força social, agindo por dentro do homem, na raiz da sua consciência e da sua razão.

Decerto, com seu caráter circular, repetitivo, necessitarista, propiciando as religiões fechadas e os regressismos (sobretudo quando dele se dá uma interpretação imanentista e temporal), o mito pode constituir uma força do conservantismo ou mesmo de inércia. Decerto, ele pode ser manipulado, como dizia Durand, ao pior sentido. Mas o que Fernando Pessoa viu no mito foi sobretudo uma potência regeneradora popular, ultrapassando o voluntarismo ideológico e medíocre dos políticos e de uma classe intelectual estrangeirada e provinciana, para lhes impor a sua lei (QUADROS, op. cit., p.24)

Ao evocar o mito através da poesia, o poeta pode fazer com que esta arte funcione como uma maneira de o homem reconhecer sua especificidade em relação aos demais seres vivos e, com isso, comunicar-se com Deus. A religiosidade do mito é muito peculiar, pois trata da ligação do homem com um Deus transcendente de uma forma mais natural, mais instintiva e menos formal. E Pessoa recorre às vertentes esotéricas para exprimir essa espiritualidade diferente por meio da poesia. A religiosidade poética de Fernando Pessoa não pode ser a mesma das religiões modernas organizadas em Instituições.

Os sentidos humanos são a expressão mais pura do sopro divino no homem, a poesia, por exemplo, é resultado da percepção aguçada desses sentidos e da inspiração divina. Por isso, a religiosidade também tem de ser fruto dos sentidos, da percepção real de Deus por parte do homem e não da imposição de instituições ditas emissárias de Deus. O homem pode ter contato com a divindade de maneira mais simples e natural. A religião tem de ser algo natural ao homem e não algo imposto.

Dessa forma, a religiosidade em Fernando Pessoa é produto de uma fé bastante peculiar. Haja vista o livro de Ordoñez sobre este assunto que tem o título sugestivo de *Fernando Pessoa um místico sem fé*. Não acreditamos em uma ausência de fé, como sugere o título da obra, mas em uma fé distinta da concepção de fé do mundo ocidental moderno. O poeta tem uma fé pagã primitiva, Fernando Pessoa, como ele mesmo diz, professa um Paganismo superior. O que seria esse paganismo?

Como já exemplificamos, o orto-heterônimo personifica em sua poesia os valores poéticos da Antigüidade. Estes valores pressupõem uma forte ligação entre o poético e o divino. Contudo, este ritual de religar o homem a Deus é baseado numa fé muito mais voltada aos sentidos, aos instintos naturais do homem. Para Fernando Pessoa, o cristianismo original deita raízes no paganismo. Porém, ao negar os valores pagãos os cristãos estão se afastando da essência do cristianismo primitivo. Por isso, o poeta busca traços deste cristianismo verdadeiro em seitas que foram perseguidas ou discriminadas por adotarem práticas primitivas de fé.

É importante esclarecer que Pessoa se opõe às igrejas organizadas e não à figura de Cristo, como fica evidente no poema do heterônimo Ricardo Reis, *Não a ti Cristo odeio*: “*Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo (...) / No Panteão faltavas. Pois que vieste / No Panteão o teu lugar ocupa*”. Vejamos outra citação de Pessoa (2006, p.17) em que ele define com propriedade a sua maneira singular de buscar a Deus numa civilização de fundamento judaico-cristão: “Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas, e sobretudo à igreja de Roma, fiel à tradição secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a tradição secreta em Israel (A Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria”. O poeta investiga muitas formas de misticismo para compor o seu próprio misticismo. Observemos o que Fernando Pessoa propõe:

Não pertença a ordem iniciática nenhuma. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um ente supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros entes, igualmente supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a ordem externa do ocultismo, ou seja, a Maçonaria evita (exceto a Maçonaria Anglo-Saxônica) a expressão “Deus” dada as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer Grande Arquiteto do Universo’, expressão que deixa em branco o problema de, se ele é criador, ou simples governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação direta com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos (PESSOA, op. cit., p.19)

Sendo assim, fica claro que Pessoa investiga muitas seitas para inspirar-se no que nelas ainda há da religiosidade primitiva do homem e que o Cristianismo perdeu. Porém, não se torna adepto de nenhuma delas, já que pretende criar uma nova fé para servir de base ao novo Império que ele anuncia. Como vemos, na citação acima, o poeta tem uma concepção de Deus muito mais próxima das seitas como a Maçonaria do que da concepção católica dominante em Portugal. Isso não quer dizer que Pessoa seja anti-cristão, mas defende, apenas, uma visão peculiar ligada aos valores pagãos do Cristianismo. O paganismo superior de Pessoa é, grosso modo, uma religião sem templos, em que o homem deve buscar o Ser tal qual a concepção platônica. Isto é, rememorar o inteligível para que um dia se possa chegar ao Ser Verdadeiro. A fé aqui não é um sentimento abstrato, mas algo que pode ser experimentado concretamente, por meio de rituais instintivos em que os sentidos predominam sem anulação, porém, sobre o domínio do racional.

Esta breve explicação serve apenas para ter uma base que nos permita entender melhor o misticismo que aparece na *Mensagem*. Neste trabalho, não nos propomos a investigar a questão religiosa em si, mas como parte de uma linguagem poética. Enfim, parece-nos relevantes os esclarecimentos que fizemos até aqui, ao tratar das seitas que influenciam o paganismo superior de Pessoa. É por isso que,

em nosso entender, Nuno Hipólito¹⁴ chama os poemas da *Mensagem* de cânticos pagãos.

Os poemas de *Mensagem*, como cantos de uma religião moderna e ao mesmo tempo antiga, incorporam fundamentos religiosos tanto da Antigüidade quanto da Modernidade. Tais fundamentos inspiram o poeta em sua fé singular. Além do Paganismo, a poesia religiosa da *Mensagem* vincula-se também à Maçonaria. Quando falamos em Maçonaria podemos entender também a Rosa-cruz, pois a cosmogonia rosa-cruz é o grau mais elevado da Maçonaria. Esta seita possui vários graus de iniciação, dos quais o nível rosa-cruz é o mais elevado. Vejamos uma definição simples como fundamento para o que pretendemos esclarecer

Maçonaria: associação secreta, espalhada por todo o mundo, que usa simbolicamente os instrumentos empregados na arte da construção (triângulo e compasso). (...) Sociedade secreta também chamada franco-maçonaria. Esta seita possui graus de iniciação dos quais a rosa cruz é apenas um. *Rosa-Cruz*: o sétimo e último grau ou a 4ª ordem do rito maçônico francês, que tem por símbolos principais o pelicano (filantropia), a cruz (justiça e imortalidade) e a rosa (segredo)

QUINTO

O ENCOBERTO

Que symbolo fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final

¹⁴ PORTALPESSOA, [s.l.]

Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

Este poema da *Mensagem* demonstra que a religiosidade poética construída por Pessoa nesta obra não é um louvor ao catolicismo. O poema nos revela uma nova visão de fé. Temos a figura cristã de Cristo juntamente com símbolos rosacrucianos. A poesia chama a atenção que o importante é o símbolo para poder aproximar-nos do Ser. Cada qual faz isso ao seu modo. A fé da “igreja de Roma” é mais uma maneira que o homem criou para ligar-se a seu Deus. Por isso, o homem concebeu diversas formas de se comunicar com a divindade. Ao longo dos tempos Por isso, Fernando Pessoa não vê em uma única igreja uma forma concreta de contato com Deus, pois o verdadeiro sentido de religião¹⁵ é algo mais profundo do que os conceitos impostos por instituições religiosas oficiais.

Na primeira estrofe, o poeta já começa a tratar da importância do símbolo para a constituição do mito e, por conseguinte, para a compreensão do que os mitos revelam. Para o poeta-profeta, o símbolo fertiliza a vida porque dá corpo à fé. Assim, já nos dois primeiros versos, o eu-poético nos questiona sobre qual será o novo símbolo capaz de motivar uma nova fé: Que symbolo fecundo / Vem na aurora anciosa?

Estes versos compõem-se de perguntas e respostas. Neles, o poeta expressa que a nova religiosidade presente em sua poesia precisa de novos símbolos, o que o leva a resgatar a palavra poética como uma palavra mágica tal qual esta era para os antigos. Porém, esta religiosidade, da qual a poesia é a linguagem de contato com a divindade, deve assumir novos contornos, já que o homem já tem novos símbolos posteriores aos deuses pagãos. Símbolos estes como Jesus Cristo. No soneto, o poeta vem anunciar uma resposta para a questão: Qual símbolo teria força o suficiente para construir um novo mito e por fim uma nova fé? Este símbolo vem com a aurora, o sol. Podemos entender o sol, como uma metáfora para evidenciar a luz da verdade, da razão, uma consciência nova vem nascendo.

¹⁵ O termo religião vem do Latim *religare*

Em um mundo novo não cabe esta religião de um mundo morto, já ultrapassado, assim como o Paganismo dá lugar ao Cristianismo na nova civilização ocidental. O poeta resgata os valores desse mundo perdido e os renova para servir de paradigma a um novo Mundo, um novo Império. Surge então uma nova vida, uma rosa em termos rosacrucianos, um novo segredo para ser mito e motivo de fé: “Na cruz morta do Mundo / A Vida, que é a rosa”. A grande preocupação da poesia pessoana é buscar por compreender o mistério da vida por meio de diversos caminhos poéticos. A via ortônima é a que procura resolver este problema por meio da fé. Assim, o poeta vai buscar na Antiguidade a poesia como linguagem religiosa; a busca do Ser se faz ao mesmo tempo pela poesia e pela religião, porque, neste caso, ambas se fundem.

Na segunda estrofe, o poeta nos apresenta uma segunda pergunta e outra resposta. O eu-poético questiona sobre o novo símbolo religioso que esse novo Império que se anuncia trará consigo. Ele nos responde que está “Na Cruz, que é o Destino”. Esta cruz demonstra o sofrimento que é o grande sentido da cruz presente no novo símbolo do novo Mito “A Rosa, que é o Cristo”. O Cristo da nova Idade será o Cristo da concepção rosa-cruz, o Cristo-rosa, o Cristo-mistério, o Cristo-ressureição.

Na terceira estrofe, o poeta faz sua última pergunta sobre a concretização do símbolo: Que symbolo final / Mostra o sol já desperto? E o novo símbolo, já concretizado, da nova fase que se anuncia da humanidade é o Encoberto: “Na Cruz morta e fatal / A Rosa do Encoberto”. Este símbolo é o definitivo, aquele que trará o Império Final, o Império do Espírito. A Religião deste Império é baseada no conhecimento, porque seu maior símbolo é a consciência do mistério. O poeta nos convida à iniciação espiritual, por meio de uma nova religião: o verdadeiro cristianismo, sem dogmas humanos, uma religião voltada aos mitos.

No poema, Pessoa evidencia a evolução dos símbolos de cada Era e de seus mitos para chegar enfim ao novo símbolo. O primeiro o símbolo é a vida, o segundo é Cristo e o terceiro, o Encoberto. O Encoberto é o mito de uma iniciação espiritual que culminará com o advento do Novo Império religioso-cultural. A nova fé é a base do Quinto Império, cujo centro será Portugal. Por isso, Pessoa intitula-se um nacionalista místico, cantor do futuro da pátria como Quinto Império e império mais religioso e cultural do que nacional.

A crença no Quinto Império, como se sabe, ganha vida nos sermões de Vieira. Em Pessoa, o mito ganha uma nova perspectiva e recria-se na Era Moderna. O padre Vieira é o primeiro a relacionar o Quinto império das escrituras bíblicas com Portugal. O mito deste Império espiritual aparece nas escrituras bíblicas, mais precisamente no livro de Daniel. Nesta parte das escrituras sagradas, o Quinto Império aparece num sonho do rei Nabucodonosor, em que este vê uma estátua gigantesca, formada por uma cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pés de ferro – e uma pedra enorme, rolando de alto a baixo, como a representação dos quatro impérios conhecidos pela humanidade (ouro, Babilônia; prata, Pérsia; bronze, Grécia; ferro, Roma), aos quais se seguirá o quinto, o império definitivo de Cristo na Terra. O padre Vieira associa esta visão profética com as visões sebastianistas de Bandarra e anuncia o Quinto Império como um resultado de Cristo e D. Sebastião irmanados, para que o Quinto Império seja ao mesmo tempo universal e português.

Dessa forma, Pessoa faz um novo anúncio desta profecia. O Quinto Império do poeta é baseado nas profecias de Bandarra e Vieira, porém Pessoa como um novo profeta, revela a sua visão desta crença, anunciando-se como o terceiro profeta do Quinto império. A crença, agora, assume uma nova característica religiosa, não possui mais o tom católico-cristão. A religião deste Império religioso-cultural adquire uma tonalidade cristã-mítica e, por isso, a poesia é o canal para que esta profecia seja revelada e o poeta é o verdadeiro profeta para cantar os mitos e preparar Portugal para cumprir o seu verdadeiro destino: o de ser o Quinto e último grande Império da Humanidade.

2.3. O ritmo e os símbolos de um ritual

A obra *Mensagem* é composta por quarenta e quatro poemas. Estes poemas estão dispostos em três partes, sendo a primeira e a terceira dividida em seções. A primeira parte, denominada *Brasão*, é composta de dezenove poemas divididos em cinco seções. Essas seções são: *Os Campos*; *Os Castelos*; *As Quinas*; *A Coroa*; *O Timbre*; e estão compostas respectivamente por: dois poemas; oito poemas; cinco poemas; um poema; três poemas. Um detalhe curioso é que os oito poemas dos *Castelos*, na verdade, são sete, pois o sétimo poema é dividido em dois: o sétimo

primeiro e o sétimo segundo. Pessoa evita o aparecimento do número oito, por motivos esotéricos e também heráldicos que permeiam toda a *Mensagem*.

Já a segunda parte, denominada *Mar português*, é composta por doze poemas, mas não está dividida em seções. A terceira, intitulada *O Encoberto*, é constituída por treze poemas divididos em três seções. As seções são as seguintes: *Os Símbolos*; *Os Avisos*; *Os Tempos*. A primeira seção é composta por cinco poemas; a segunda por três; a terceira por cinco. Para visualizarmos melhor essa divisão da *Mensagem* montamos um esquema que figura no início deste capítulo.

Como já dissemos, *Mensagem* é uma obra poética através da qual Pessoa transmite a realidade oculta que a divindade lhe revela. A poesia está voltada para suas origens, em que era cantada e dançada em rituais religiosos, e os poemas da *Mensagem* estão dispostos de modo a formar um ritual sêmico capaz de conduzir o leitor a um plano espiritual mais elevado. Por isso, Pessoa constrói a linguagem de seus poemas de modo a resgatar uma voz arcaica e ancestral, haja vista a forma do português que utiliza e o uso de epígrafes em latim. Assim, Pessoa coloca-se como aqueles sacerdotes primitivos que invocavam os deuses, por meio de cantos e danças e recebiam a revelação de uma realidade oculta.

Sendo assim, na primeira parte da *Mensagem* Pessoa canta / conta como se formou a nação portuguesa. O poeta faz isso através de uma leitura metafórico-mística do *Brasão* português. O *Brasão* simboliza justamente Portugal como nação; por isso, Pessoa aponta para um significado novo para o *Brasão*, para além dos símbolos conhecidos. Todos os poemas do *Brasão* têm título, bem como os demais que formam a *Mensagem*. A primeira seção do *Brasão* marca o início da leitura singular que Pessoa faz da pátria portuguesa. Já na segunda parte, Pessoa revela os mistérios escondidos na expansão marítima e no apogeu da nação portuguesa. O poeta expressa a visão oculta dos fatos e dos personagens que marcaram esta etapa da nação lusitana. Em *Mar Português*, a expansão marítima é vista como um desígnio divino e os portugueses como os escolhidos para realizar a vontade divina.

Por fim, na terceira parte, Pessoa trata da condição atual de Portugal e dos fatos que levaram a nação a esta condição. Nesta última parte, o poeta resgata o mito do Sebastianismo, a crença num Quinto Império e, por consequência, se coloca, junto com Vieira e Bandarra, como um dos profetas dessas crenças. Além disso, no *Encoberto*, Pessoa divide a história portuguesa, desde a decadência até a atualidade, em cinco tempos simbólicos. Outro aspecto importante da *Mensagem*

são as epígrafes latinas. Ao todo são quatro epígrafes. Uma epígrafe no início da obra e as outras três no início de cada parte.

Estas epígrafes reforçam a idéia de que Pessoa busca um regresso às origens, tanto na poesia quanto na essência religiosa do Império. Por isso, utilizamos em nosso trabalho a edição crítica da *Mensagem*, organizada por José Augusto Seabra, edição que conserva a linguagem original em que os poemas foram escritos, sem atualizações ortográficas. Acreditamos que o português voltado para as raízes latinas é utilizado, por Pessoa, para realçar a poesia como canto ancestral. Esse canto libertaria o homem do signo convencional e o ligaria à divindade. Uma prova disso são as fortes características místicas que o poeta revela na *Mensagem*, já que nessa obra há poemas de nítida inspiração platônica e repletos de símbolos rosa-cruzes, numerológicos e esotéricos. Pessoa busca em outras leituras do cristianismo e também em doutrinas místicas pagãs, marcas de um misticismo original, que o cristianismo oficial teria perdido ou sufocado.

Porém, vale lembrar que não nos aprofundaremos nesta questão do misticismo esotérico, pois o que nos interessa é a linguagem poética como forma de expressão e de revelação. Não pretendemos decifrar os caminhos místicos que Pessoa trilhou na *Mensagem*. Examinaremos esta obra no sentido de interpretá-la como uma forma de expressão poética, que coloca a poesia como linguagem transformadora e religiosa. Essa transformação e religiosidade estão intimamente ligadas a valores muito antigos, daí as referências latinas no vernáculo e nas epígrafes.

Os quarenta e quatro poemas da *Mensagem* apresentam uma musicalidade marcante, haja vista que muitos já foram musicados. Esse fator se deve à preocupação de Pessoa em aproximar a poesia atual de suas origens, em que esta era cantada e dançada em rituais religiosos. Pessoa tem consciência do dom que possui. Ser poeta é ter a capacidade de dominar uma linguagem mágica, capaz de ultrapassar os limites do signo convencional e ligar o sensível ao inteligível, ou, em termos mais religiosos, ligar o homem a Deus.

Assim, a poesia é um trabalho artístico que une ritmo (essência) e forma. As línguas clássicas como o grego e o latim possuíam um ritmo natural. A poesia é linguagem que recupera nas línguas modernas, por meio da rima, o ritmo natural que fomos perdendo. Por isso, a palavra transformada em poesia assume um poder transgressor, e Pessoa sabe como ninguém, reconhecer isso. O interesse do poeta

por recuperar a magia da palavra faz com que ele busque a poesia como linguagem capaz de resgatar o pleno significado da palavra e, assim, alcançar um outro significado: o Ser. Tal qual os antigos cantavam e dançavam em seus rituais religiosos, Pessoa canta por meio de sua poesia a verdade oculta que os outros não podem ver.

Em *Mensagem*, há cinco poemas com quatro estrofes, quatro poemas com apenas uma estrofe e três poemas constituídos por cinco estrofes. Porém, a maioria dos poemas de *Mensagem*, apresenta duas ou três estrofes, havendo dezesseis com três estrofes e outros dezesseis com duas estrofes.

Além disso, na obra aparecem diferentes símbolos, tais como: os da rosa cruz e aqueles presentes na lenda do rei Artur. A simbologia rosa cruz aparece em muitos poemas e na saudação final da obra: *Valete Frates*. Segundo Yvete K. C. Centeno (1989, p89): “a criação literária é, para Fernando Pessoa, uma das faces do mistério iniciático. Mistério que se encontra subjacente em *Mensagem*”. A poesia ortônima de Pessoa expressa com maior nitidez essa afirmação de Centeno, pois o poeta ortônimo revela em sua poesia um misticismo natural, negado e ocultado por todos, inclusive pelos demais heterônimos, já que considera-se este misticismo como fraqueza.

No entanto, consideramos que a própria origem da pluralidade de vozes poéticas na obra de Pessoa é resultado desta concepção de obra artística a que Yvete K. C. Centeno (op. cit.) se refere, mesmo que o tratamento dado aos temas de alguns textos negue esse caminho iniciático. Por isso, a *Mensagem* põe em realce a palavra do poeta arcaico. Esta palavra, de acordo com Ivanete Pereira (op. cit.), “é força que realiza, através de versos divinos, o mundo invisível e as obras dos deuses no mundo visível, celebrando a linhagem divina segundo a moira”.

Esta é uma palavra mágico-religiosa capaz de incorporar em si o Ser Real, para além da representação do signo. Esta poesia é realização e ação intemporais, engloba passado, presente e futuro. Esta palavra é um privilégio de um tipo de homem excepcional: o poeta. Contudo, este privilégio não acentua o fato dele ser melhor do que os demais, mas sim no fato de o poeta ser escolhido dentre os demais para ser um mensageiro de Deus. O caráter oracular do poeta e de sua poesia é assim conceituado por Ivanete Pereira (2006, p77): “Nos primórdios (...) seria atribuído certo dom de vidência generalizada, de acesso indiferenciado ao

presente, passado e futuro, a uma espécie de figura xamânica, uma única pessoa privilegiada, que reuniria em si os atributos de poeta, adivinho e sábio”.

Sendo assim, só depois é que houve separação entre poesia como canto artístico-religioso e poesia como expressão artística. É esse momento inaugural da poesia que Pessoa personifica nos poemas ortonímicos. A organização de toda a *Mensagem* é ritualística. E, como em todo ritual, há a presença de símbolos e mitos.

Quanto ao simbolismo místico, propriamente dito, aparece também em *Mensagem* a numerologia. Notamos na estrutura da obra, certa preocupação com a simbologia dos números. Quanto a isto, observa-se a divisão do sétimo poema do Brasão em sétimo primeiro e sétimo segundo, além, da questão semântica, já tratada no primeiro capítulo

CAPÍTULO III. A OBRA *MENSAGEM*: UM ORÁCULO?

Delfos era, também, o único oráculo do mundo antigo em que as profecias eram sempre pronunciadas em forma de verso – ainda que, mais tarde, este mesmo costume tenha sido introduzido em outros lugares. A presença de um santuário às Musas é mencionada por Parke como o motivo desta ligação entre Delfos e a poesia (KRAUSZ. As Musas)

3.1. O poeta como mensageiro: sebastianismo racional x nacionalismo místico

O poema *Mensagem* assume um significado sagrado quando Pessoa se coloca como um poeta-profeta empenhado em revelar uma realidade oculta. Essa revelação consiste no fato de propagar a crença no Quinto Império que tem em D. Sebastião a figura do messias e em Fernando Pessoa a figura do profeta. Uma boa síntese do teor profético da *Mensagem* é a declaração de Pessoa: “Sou de fato um nacionalista místico e um sebastianista racional”.

Esta declaração adquire feições de um enigma. O enigma se expressa na dualidade dos termos. Segundo Berardinelli (2004, p.120): “a dualidade reside menos em dizer-se nacionalista e sebastianista, do que ser simultaneamente místico e racional. Tais contrários, aparentemente inconciliáveis, não só coexistem no poema, mas são a sua própria essência”. Sendo assim, a essência da *Mensagem* é ao mesmo tempo mística e racional. No entanto, esses opostos se unem nesta obra através do Nacionalismo e do Sebastianismo que se fundem na visão do Quinto Império. Assim, para Fernando Pessoa, sua função como poeta é expressar o que a divindade lhe revela, a visão da verdadeira história por trás da realidade aparente dos fatos. Ele antecipa o Portugal futuro, por meio da revelação da existência no Portugal de um Quinto Império já em questão.

A dualidade oximoresca é a principal característica, não só da *Mensagem*, mas de toda poesia pessoana, pois como bem esclarece Leyla Perrone Moisés (2000, p. 146): “Suas verdades são tantas e tão contraditórias que, no conjunto, negam a existência de qualquer verdade. Exceto a verdade fingida da arte, da literatura, do mito”. Os oxímoros são a perfeita tradução do que nós somos, assim como a suposta realidade que nos cerca. O poeta como mensageiro do verdadeiro Ser, tem como missão revelar justamente que estamos no mundo do não ser em que tudo é incompleto, é só metade de nada. O poema *Ulysses* traduz muito bem esta questão de que tudo é oxímoro. Tratamos dessa dualidade oximoresca em termos platônicos, pois, como já dissemos, Pessoa imagetiza em sua poesia muitos dos conceitos platônicos. Fernando Pessoa vive sua poesia de um modo singular, tudo na obra do poeta esta além, além do real conhecido, além símbolo.

Segundo Alfredo Antunes (1983, p.430): “Para o poeta de *Mensagem*, empreende-se agora uma nova leitura dos sinais e dos sonhos messiânico-sebásticos do sentir lusíada, para sobre eles anunciar o verdadeiro sentido de Portugal”. Pessoa, como o poeta possesso revela uma verdade que não é sua, mas uma verdade oculta que a divindade lhe concede o dom de enxergar e transmitir por meio da linguagem poética.

Assim, declara o profeta da *Mensagem*:

Que Portugal tome consciência de si mesmo. Que rejeite os elementos estranhos. Ponha de parte Roma e a sua religião. Entregue-se a sua própria alma. Nela encontrará a tradição dos romances de cavalaria, onde passa, próxima ou remota, a Tradição Secreta do Cristianismo, a Sucessão super-Apostólica, a Demanda do Santo Graal.. Todas essas coisas, necessariamente dadas em mistério, representam a verdade íntima da alma, a conversação com os símbolos.[...] (PESSOA, [s.l], p.110)

Esta declaração de Fernando Pessoa constitui a chave da profecia sebastianista de um Quinto Império Português, que o poeta expressa na *Mensagem*. Mais adiante, reforça isso (p.111): “Não queremos estrangeiros. No sentimento patriótico não deve existir elemento que não seja nosso. Expulsemos pois o elemento romano. Se há que haver religião em nosso patriotismo, extraíamo-la desse mesmo patriotismo. Felizmente temo-la: o sebastianismo” .

O sebastianismo racional é a retomada do mito de uma maneira capaz de expressar o significado deste. Para Fernando Pessoa, o sebastianismo, como deve ser entendido, tem que ser visto por uma ótica que fuja da fé saudosista típica dos portugueses. Isto porque a emoção saudosista não condiz com a grandiosidade do mito sebastianista. Por isso, o resgate de D. Sebastião deve ser por meio da razão. O sebastianismo racional é uma crença construída com base em ideais e não em sentimentos abstratos, pois o mito trata do mundo da idéia do qual só nos resta a reminiscência pelos sentidos; se nos prendermos apenas à abstração do sensível, nunca sentiremos o que realmente é o mito.

Assim, o poeta reconstrói o sebastianismo apoiado em um misticismo esotérico como uma fé racional da qual o sentimentalismo cristão nos afasta, mas que sempre fez parte do paganismo. Para possuir um conhecimento maior desse tipo de espiritualidade é que o poeta vai procurar descobrir o seu verdadeiro eu através de vários caminhos; na vertente mística irá procurar respostas em muitas crenças como: a maçonaria, do qual os rosa-cruzes são uma vertente; a numerologia, a astrologia e a cabala.

A poesia também é uma forma mística de auto-conhecimento e de revelação. Por isso, a poesia é a linguagem própria do mito, já que o mito em poesia passa a ser bem mais do que uma mera imagem e adquire a sua real função de ensinar os seres humanos a olhar e reconhecer o que têm dentro de si e com isso começar a captar a mensagem dos símbolos. Uma religião que se afasta da busca da razão por meio dos sentidos não pode servir como base para ler qualquer mito. Com isso, Pessoa critica o cristianismo oficial e procura a essência deste em doutrinas que ainda conservam valores religiosos que possam ligar o homem ao plano do verdadeiro Ser.

Dessa forma, o sebastianismo é um mito que o poeta reconstrói baseado nos valores que julga mais próximos dos sentidos. Para compreendermos melhor as origens do sebastianismo na cultura portuguesa faremos a seguir uma breve exposição histórica da morte do rei D. Sebastião e o nascimento do mito. Convém ainda ressaltar a importância da figura de D. Sebastião na cultura portuguesa como mito maior de um saudosismo peculiar que caracteriza esta nação. Este saudosismo é tão latente que espalhou suas raízes no Brasil que, enquanto país colonizado por Portugal, viu passagens relevantes de sua história marcadas pela crença sebastianista. É o caso, por exemplo, da Guerra de Canudos, pois encontrou-se nos escritos do lendário Antônio Conselheiro menção à volta do rei D. Sebastião. Sendo assim, dada a importância do sebastianismo na *Mensagem*, vamos tratar de alguns fatores importantes para a formação do mito sebástico.

Antes mesmo de nascer, D. Sebastião desperta grandes expectativas no imaginário popular devido ao momento político que Portugal vive no momento de seu nascimento. É o que retrata Hermann (1998, p.17): “Em 20 de Janeiro de 1554, quando nasceu D. Sebastião, as ruas de Lisboa se encheram de louvações e agradecimentos a Deus pelo envio de um herdeiro para o reino, poucos dias depois

do falecimento de seu pai, o príncipe D. João”. Por isso, ao esperar por seu nascimento o povo passa a chamá-lo de “O Desejado”.

Dessa maneira, notamos que a figura de d. Sebastião já vem cercada de certa magia desde o seu nascimento, pois o nascimento deste herdeiro da coroa salva Portugal, pelo menos naquele momento, da eterna sombra da Espanha. Esta sombra espanhola sobre Portugal é mencionada por Pessoa na *Mensagem* quando o poeta diz que D. João I: “repelle, eterna chamma, / a sombra eterna”

Porém, no ano de 1557, quando o infante tem apenas três anos, seu avô D. João III vem a falecer e, em consequência disso, a rainha viúva D. Catarina assume a regência, o que desagrade a muitos por ela ser irmã do rei da Espanha. Em 1562, D. Catarina não resiste às pressões e renuncia ao reino. Em decorrência disso, o cardeal D. Henrique assume o trono, por ser o único irmão vivo de D. João III. Em 1568, com apenas quatorze anos, D. Sebastião sobe ao trono português em meio a grandes discussões sobre a viabilização do sonho de um império português com total supremacia mundial, principalmente em relação à Espanha. Haja vista que Portugal, durante o reinado de D. João III, realiza tentativas frustradas de dominar e colonizar o norte da África.

Ao tornar-se rei, D. Sebastião assume como nenhum outro rei o sonho de um grande império cristão português. Isso é resultado, principalmente, da crença na lenda do sonho de D. Afonso Henriques, em que Cristo aparece e lhe revela que a missão de Portugal é fundar o Império de Cristo na Terra. É claro que somadas a esta crença temos a personalidade peculiar de D. Sebastião e a mentalidade, ainda medieval e imperial, da corte portuguesa.

Destituído de qualquer realismo, andava alheio às grandes necessidades da nação, como também ao espírito da época que a Europa acabava de entrar. Extraviado, vivia na Idade Média, e sonhava com atos de bravura cavaleiresca e com louros militares, sobreestimando suas forças. Não se lhe pode negar grandeza e certo idealismo, mas essas boas qualidades eram comprometidas por grande dose de teimosia, fanatismo e egocentrismo (BESSELAAR, 1987, p. .68-69).

Por isso, é importante ressaltar que D. Sebastião vivia o sonho de sua pátria, apesar de, como ressaltava Besselaar na citação acima, a personalidade de D. Sebastião contribuir para isso. D. Sebastião almeja ser o rei perfeito para o império de Cristo na Terra, não importando as reais condições da coroa portuguesa no momento. O sonho de um grande império comandado por D. Sebastião continua após a morte do rei. Surge, então a crença no Quinto Império e no sebastianismo

Enfim, o ambiente, a personalidade e o momento histórico intensificam, em D. Sebastião, o sonho imperial. Quando falamos dessa personalidade especial do monarca, não estamos somente a enfatizar o modo de ser do rei, mas também e, principalmente, os pensamentos de alguém muito especial que fatalmente cruza a história de sua vida com a história da pátria. Pois, o rei podia ser egocêntrico, como ressaltava Besselaar, porém foi ele que manifestou o ser português de uma forma tão forte, que nem a morte conseguiu apagar o que sua figura representa para a pátria. Hermann (1998, p.69) ressalva isto, quando trata da missão que D. Sebastião conhece desde cedo: “Tarefa ao mesmo tempo difícil e grandiosa, digna de um rei majestoso e investido de poderes quase sobrehumanos, acabaria por fundir a história de sua vida, desde a infância, com a vida e os destinos do reino lusitano”.

Esta citação de Hermann apresenta uma concepção mais próxima da de Fernando Pessoa a respeito da figura de D. Sebastião. O poeta mesmo canta o rei não em sua insanidade, mas no que faz que o considerem louco: “Louco sim porque quis grandeza”.

Tudo isto é importante para entender que D. Sebastião não é nenhum louco ao querer tornar Portugal o país mais poderoso da Terra. O rei, ao querer dominar o Norte da África e consolidar Portugal como o maior Império de então, está a representar o desejo de muitos que desejam ver concretizado o sonho de Afonso Henriques e resgatar o apogeu do período manuelino. Embora, os métodos que D. Sebastião adota para consolidar e aumentar o poder da pátria sejam, hoje discutíveis, o que importa é o que Pessoa resgata: trata-se do ato e não da maneira como realizar o ato.

Fato é que, em Junho de 1578, D. Sebastião parte saudado pelo povo português para a África, onde, na região de Alcacer Quibir, dá-se a grande batalha do exército português contra os mouros, “na fatídica manhã de 4 de Agosto”, como menciona Hermann (op. cit., p.118) e como descreve Besselaar:

A 4 de Agosto de 1578, o seu exército foi destruído nos campos de Alcacer Quibir. D. Sebastião deixou aí a vida, com 8.000 de seus homens, e uns 15.000 caíram nas mãos dos mouros. Foi provavelmente a maior catástrofe da história de Portugal. Milhares de mortos, outros milhares de cativos cujo resgate impôs sacrifícios pesados à nação; e – o pior de tudo – a coroa sem herdeiro (op. cit., p.69)

D. Sebastião morre nesta batalha, mas junto com sua morte não vem só a perda do rei. Portugal perde a sua grandeza com D. Sebastião, mas não o sonho de ser grande. Fernando Pessoa deseja retomar o sebastianismo de modo a estabelecer o que foi e é D. Sebastião de verdade. Só esperar pelo rei não resolve nada, Pessoa imagetiza em sua poesia o mito sebastianista para que se possa sentir o real poder do mito.

Quando, em Lisboa, chega a notícia do desaparecimento do rei no desastre de Alcacer Quibir, o povo fica perplexo e não quer acreditar que o detentor de tantos sonhos, de tantas expectativas, pudesse ter sido derrotado. O fato de não se ter encontrado o corpo do rei induz a grande maioria da população a se questionar sobre a veracidade da morte do rei. Essa esperança popular é reforçada pelas trovas de um sapateiro conhecido como Bandarra. As trovas, compostas entre 1530 e 1540, têm uma grande circulação e se tornam bastante populares.

As trovas de Bandarra tratam basicamente de um grande Império cristão e de um rei encoberto para comandar este império. Assim, as trovas preenchem plenamente os anseios populares. Nas trovas estavam profetizados os acontecimentos que o povo queria e que pressentia. O povo português vê nos versos de Bandarra uma confirmação de suas idéias, já que o Rei Encoberto combinava perfeitamente com a figura do rei desaparecido dos portugueses e, por conseqüência, o tal grande Império cristão também só poderia ser Portugal. Nessa época, o espírito de conquista e de glória ainda estava muito vivo entre os portugueses. Pessoa, assim como Bandarra e mais tarde Vieira deseja ser o profeta da volta desse rei, todavia se trata de um novo tipo de profeta e de uma nova volta do rei, diferente das concepções dos outros dois escritores anteriores. Contudo, Pessoa não desvaloriza as concepções do passado, tanto que dedica a Bandarra e Vieira poemas da *Mensagem* em que o terceiro profeta do sebastianismo é ele mesmo.

Não por coincidência, os dois primeiros profetas são grandes artistas da palavra como Pessoa. Ao manifestar-se na *Mensagem* como o terceiro profeta, Pessoa pretende dar continuidade ao que os outros dois começaram, porém o sebastianismo e o Quinto Império que anuncia na *Mensagem* são diferentes das profecias do poeta de Trancoso e do grande Vieira. O Sebastianismo, no caso de Pessoa, é uma fé que não se afasta da razão, pois o plano em que situa o mito de D. Sebastião é justamente o da razão; e o Quinto Império baseia-se num nacionalismo voltado para valores místicos distintos do Catolicismo de Bandarra e Vieira.

No que se refere às trovas de Bandarra e sua popularidade, podemos dizer que o povo recorre às trovas como uma espécie de bíblia para manter a esperança na volta do rei, assim como os judeus e os cristãos, embasados em seus livros sagrados esperam por seus messias. Enfim, o Sebastianismo nasce com a esperança na volta do rei D. Sebastião e vai se perpetuando a ponto de se tornar um mito. Outro fator importante que vai influenciar na formação do mito sebastianista é a forte tradição das novelas de cavalaria em Portugal, especialmente as do ciclo arturiano. Haja vista as semelhanças entre ambas: os dois reis se encontram em ilhas misteriosas escondidas por uma grande névoa e a simbologia da Excalibur também é cantada por Fernando Pessoa, como a Espada de D. Afonso Henriques que dará início ao sentimento sebástico.

Por fim, o Sebastianismo se torna a única forma de conservar a soberania portuguesa no íntimo de cada português e evitar o sofrimento diante da constatação da decadência do país. Assim, o Sebastianismo é um sentimento de espera por um salvador para todos os problemas nacionais e tal sentimento que só se explica por fatores culturais próprios dos portugueses, como a saudade e a crença na sacralidade da monarquia, crença que adquire mais força, e que é uma das razões mais pujantes do sentimento sebástico. D. Sebastião é, sem dúvida, o símbolo maior desse sentimento, que se consolida como um mito e hoje faz parte da cultura da nação. Isso quer dizer que o termo Sebastianismo se refere a um mito que ultrapassa em muito a imagem próprio rei.

Já o nacionalismo místico refere-se ao sentimento patriótico de raízes religiosas e não ufanistas. Fernando Pessoa busca para si e para a pátria uma iniciação espiritual em direção ao mundo superior das idéias. Essa iniciação depende do autoconhecimento por meio de um misticismo que não é o que a religião

dominante em Portugal prega. Para o país conhecer sua identidade é necessário que seja capaz de resgatar os seus mitos. Assim, como o indivíduo tem de buscar no outro a verdade uma que perdemos quando entramos imperfeitos no mundo terreno. Todo esse ritual iniciático se encena na poesia. A linguagem poética é concebida para transgredir e ultrapassar as fronteiras que separam o humano sensível do divino inteligível.

Quando Pessoa se diz um nacionalista místico está a esclarecer que não se trata de possuir um sentimento patriota ufanista, mas deseja para a pátria uma realização superior. O poeta deseja que Portugal concretize sua missão que é a de um Grande Império espiritual. Assim, o eu-lírico constrói uma linguagem poética para recuperar os valores da poesia enquanto uma linguagem mística que faz parte de rituais religiosos, para que homens e divindades se comuniquem. É esta poesia que Pessoa expressa na *Mensagem*. Fernando Pessoa pretende cantar a pátria, revelar a realidade intra-histórica e o despertar a nação para sentir mitos e, com isso, saber como alcançar seu destino glorioso. A poesia é o centro de tudo para Pessoa, uma linguagem mágica capaz de comunicar duas realidades opostas.

Sendo assim, Fernando Pessoa constrói em *Mensagem* uma linguagem poética com fortes influências místicas, porém de um misticismo muito mais voltado para a sensação que nos permite vislumbrar a idéia, do que para a emoção. Haja vista a declaração do próprio poeta ([s.l], p.165): “Há só uma espécie de propaganda com que se pode levantar o moral de uma nação – a construção ou a renovação e a difusão conseqüente e multímoda de um grande mito nacional”

3.2. A linguagem poética como profecia nas epígrafes

A obra *Mensagem* configura-se como uma obra em que a poesia é retomada em suas origens; a linguagem poética está impregnada de sentidos místicos, pois a mesma está ligada à divindade, já que o poeta é um ser inspirado pelo divino. Assim, como já dissemos, a poesia revela-se em tom profético e oracular em *Mensagem*, já que Pessoa resgata o fazer poético nas concepções arcaicas teorizadas por Platão no *Íon*.

Dessa maneira, a linguagem poética de *Mensagem* é uma linguagem que incorpora algo mais do que a metáfora. Constatamos isto em todos os poemas que configuram a *Mensagem*. Porém, julgamos que nas epígrafes esta linguagem em tom de profecia aparece de maneira nítida, pois nelas a linguagem é cifrada e premonitória. O poeta nos apresenta pistas que só ele consegue ver. As epígrafes marcam etapas de um ritual místico, do qual o latim é o código. A língua latina não é simples recurso de estilo para compor a linguagem poética.

Com isso, vamos examinar agora as quatro epígrafes da *Mensagem*, porque acreditamos que elas ilustram bem essa questão. As epígrafes aparecem ao longo da obra marcando cada etapa da mesma. A primeira epígrafe abre a *Mensagem* e as outras três antecedem, cada uma, as demais partes da obra. Portanto, todas as epígrafes são provas de que a poesia em *Mensagem* não é só linguagem metafórica.

A linguagem poética assume um tom sagrado e cada epígrafe, apresenta de maneira cifrada, cada etapa da leitura do poeta em relação à história de Portugal. O fato de o poeta estar possuído pela divindade pressupõe que a leitura feita por ele vai além da realidade aparente dos fatos. Encontramos em toda a obra a alusão a um âmbito alheio à história, porém não estranho à mesma. Desse modo, Pessoa realiza uma leitura poética em que a linguagem se configura como revelação, em que o passado, o presente e o futuro são colocados além da dimensão histórica concreta.

Por isso, passado e presente são cantados pelo poeta de uma maneira extremamente singular em relação aos fatos oficiais, já que ao ler os poemas da primeira e segunda parte da *Mensagem*, em que estão retratados estes tempos, percebemos que estamos diante da história da formação e da expansão marítima de Portugal. O poeta, quando utiliza os fatos históricos apenas como referência para revelar o que está por trás dos mesmos. Esta é a história de *Mensagem*, a história oculta. Por isso, mesmo realça a dimensão histórica, o que se procura salientar mesmo é outra dimensão significativa dos mesmos fatos.

A primeira epígrafe é *Benedictus Dominus Deus Noster qui Dedit Nobis Signum* (Bendito Deus Senhor Nosso que Nos deu o Sinal). Esta epígrafe inaugural da *Mensagem* mostra o caráter enigmático que toda a obra vai assumir, não só por ser citada em latim, mas também por suscitar uma pergunta inevitável: qual seria o sinal que Deus nos deu? O caráter místico está na referência a Deus como uma

força superior que nos mostra algo por meio de sinais, o caráter mágico da palavra poética transforma-a nesse sinal divino, capaz de revelar/representar o Ser. A palavra assume, assim, uma sacralidade que lhe confere o poder de ligar o homem com o verdadeiro Ser.

Esta epígrafe remete a uma das características fundamentais da poesia ortônima, que é transgredir os limites do signo e atribuir-lhe um maior alcance. Com isso, o signo passa a ser mais do que um símbolo do Ser para se tornar um sinal, um índice revelador do próprio Ser. A palavra deve ser bem mais do que um representante e, no caso da poesia, um representante metaforizado, capaz de captar o Ser pela força da Imagem. Assim, o poeta nos coloca diante de uma imagem e não de um conceito. O poder da poesia é transgredir a dimensão conceitual da palavra, para assumir a potencialidade imagética da mesma. Este é o dom e também a missão do poeta. Tal missão concretiza-se como uma dádiva e, ao mesmo tempo, como uma maldição.

Pessoa sabe bem disto e toda a sua obra é um esforço por realizar esta missão da melhor maneira possível; por isso, utiliza vários caminhos. O caminho que comprova com mais clareza tal consciência é o poeta ortônimo, já que este é o texto-personagem em que o poeta resgata as origens sagradas da poesia e coloca-se como um instrumento da divindade. Pessoa admite, assim, a existência de um mundo superior, ou seja, um mundo em que as coisas são e não apenas representam. A existência de um mundo paralelo ao nosso é inegável para um platônico como Pessoa, e o mundo que habitamos é um reflexo do Verdadeiro mundo real. Todavia, os sinais dessa transcendência estão em toda parte, cabe a nós interpretar. A poesia e as artes de um modo geral são capazes de traduzir esses sinais e ligar o mundo aparente do Ser ao mundo do Verdadeiro Ser. O sinal de que o poeta fala na primeira epígrafe da *Mensagem* é justamente a presença, na imanência do mundo real, de um mundo transcendente que a maioria de nós não percebe, com exceção de alguns privilegiados, dentre eles o poeta.

Com isso, a busca do verdadeiro Ser supõe o encontro do outro/outros presente (s) em nós. Esta busca marca os humanos como seres inquietos. A busca que nos caracteriza enquanto seres humanos está latente na obra poética de Pessoa, que se desdobra em vários outros para alcançar o Verdadeiro Eu, pois só conhecendo a si mesmo é que podemos alcançar o Ser absoluto. Assim, quando Pessoa coloca no início da *Mensagem* uma epígrafe que glorifica a Deus por nos

oferecer sinais, ele está a reverenciar a divindade que lhe concede o dom de ver o que os demais não conseguem. Assim, numa obra em que vai revelar a mensagem divina, nada mais justo do que iniciar esta obra agradecendo ao Deus que lhe proporcionou tal dom.

Por isso, essa primeira epígrafe pode ser considerada como a primeira etapa de um longo ritual. Assim, como um sacerdote, o poeta marca e anuncia o início de seu ritual. O homem primitivo criou seus rituais para ligá-lo às forças transcendentais que produziam fenômenos que estavam diante dos olhos, mas que não se sabia de onde vinham. Da mesma forma, o homem moderno também encena seus rituais para ligar-se ao seu Deus.

Os rituais religiosos, porém, desligaram-se muito de sua função inicial. Por isso, Pessoa defende em sua poesia a retomada de um cristianismo primitivo, em que o ritual era baseado nos sentidos humanos na verdadeira acepção da palavra, não apenas numa forma sentimental abstrata. Os sentidos devem guiar os rituais, pois foi assim que eles surgiram como fruto de uma necessidade natural de comunicação com o mundo superior.

Sendo assim, devemos resgatar os rituais primitivos em que a poesia era linguagem a ser cantada e dançada como forma de comunicação entre o homem e a divindade. Ao lembrar esses rituais estamos a resgatar nossos sentidos e instintos mais característicos. Com isso, poderemos ver os sinais que Deus nos mostra. Tendo em vista que o Verdadeiro Ser pertence a uma realidade superior à nossa, o que se mostra são sinais de que há uma Verdade maior que nos guia e contra a qual não podemos lutar ou fugir.

Esses sinais nos são oferecidos para que possamos ter consciência da nossa busca e da nossa condição, cabe a nós procurar desvendá-los. Assim, estaremos vendo o que está implícito nos fatos, um outro real que está presente na realidade aparente. O poeta lê os sinais do destino português que estão na própria história de Portugal. Com isso, quando vemos na *Mensagem* um personagem e/ou fato históricos vemos a história como a conhecemos e reconhecemos na do poeta, uma outra história que não nos é estranha, pelo contrário parece integrar os fatos que julgamos ser reais e os completam dando sentido pleno a estes.

Os sentidos que a poesia resgata permitem ao poeta perceber que há algo superior que nos guia. Essa força oculta é que impulsiona tudo o que acontece em nosso mundo e o poeta por meio dos sentidos, consegue ver a verdade por trás das

aparências. Dessa maneira, a poesia configura-se na linguagem que decifra os sinais divinos e os revela aos demais. E a epígrafe inaugural da *Mensagem* anuncia o poeta vidente e cantor da história secreta do destino oculto de Portugal.

Para nós, é por isso que Fernando Pessoa se intitula o Supra-Camões, pois o poeta renascentista louva a pátria com maestria, mas é uma pátria aparente, metaforizada, e os deuses são belos recursos de estilo para compor uma epopéia digna das grandes epopéias clássicas. Porém, Pessoa vai além desse louvor poético de Portugal, a pátria que o poeta canta é a verdadeira, escondida pela névoa do mundo aparente, o misticismo que aparece nos poemas não é recurso de estilo, é fruto da experiência poético-profética que se configura em um dom capaz de colocá-lo em contato com o Ser, no sentido que já tratamos. O poeta ortônimo canta uma pátria real que está escondida e a sua missão consiste em revelar, através de sua poesia, o que a divindade lhe transmite.

A obra *Mensagem* vai ser, portanto, a própria mensagem divina e não a do poeta. O passado, o presente e o futuro de Portugal não são apenas louvados, mas sim revelados. Enfim, o poeta lê os sinais ocultos deixados por Deus e agradece ao seu Senhor por isso. Para marcar o início do ritual, que vai trazer a revelação divina, o poeta utiliza a epígrafe *Benedictus Dominus Deus Noster qui Dedit nobis signum*, enfatizando o sentido do ritual que a obra vai inscrever e encenar.

Já a segunda epígrafe, também em latim, é *Bellum Sine Bello* (Guerra sem Guerra). Podemos nos perguntar de que guerra Pessoa está a tratar se não há guerra alguma? Esta epígrafe que abre a primeira parte da *Mensagem*, intitulada *Brasão*, nos leva a esse questionamento inicial porque a primeira parte é onde o poeta vai expressar sua visão da formação de Portugal como nação. Nessa parte da história portuguesa, na ótica de Pessoa, a guerra existe, mas não é aparente. Essa guerra que Portugal travou sem saber é a primeira revelação da *Mensagem*.

Assim, o país luta, mesmo sem saber, para separar-se de Castela e, com isso, cumprir uma vontade oculta. Nesta primeira parte da *Mensagem*, Pessoa retrata a luta de Portugal para constituir-se como nação em meio às dificuldades que a cegueira causada pelos signos sensíveis. A guerra que o poeta revela é da cegueira humana contra os desígnios divinos. O homem é impulsionado a lutar contra suas próprias limitações para cumprir a sua missão, agindo como instrumento de forças superiores.

A terceira epígrafe da *Mensagem* antecede a segunda parte da *Mensagem*, intitulada *Mar Português*. A epígrafe é *possessio maris*, pois vai tratar das revelações sobre o apogeu da nação portuguesa com o domínio do mar. Por meio dessa epígrafe, o poeta revela que o grande feito dos portugueses não é a descoberta de novas terras. O verdadeiro sentido da nação portuguesa é a posse do mar como mistério, como desvelador do desconhecido e oculto.

Por fim, a quarta e última epígrafe que precede a terceira parte da *Mensagem*, intitulada *O Encoberto*, retrata a decadência de Portugal. A epígrafe que abre essa parte é *Pax in excelsis* (paz nas alturas). Depois da guerra vem a posse e, depois desta, vem a paz. Pessoa expõe sua visão da história portuguesa em três partes. Assim, a decadência em que o país se encontra é último estágio para Portugal cumprir seu destino glorioso. É necessário, porém que o povo desperte de seu sono e veja que o mar conquistado ainda está lá para revelar seus segredos.

Por isso, o poeta retoma um novo Sebastianismo, em que a figura de D. Sebastião está a esperar numa ilha encoberta. A figura do lendário rei simboliza o espírito português, que está encoberto, mas ainda vive. Dessa forma, D. Sebastião deve retornar. A paz que Portugal precisa ter não é da inércia em que o país se encontra, mas a paz que uma nação como a portuguesa só pode encontrar na glória da antevisão. Os portugueses têm a missão de buscar um novo sentido para a nação, um novo Império, o Quinto Império.

O Quinto Império é a grande profecia da *Mensagem*. Pois, a essência de Portugal é imperialista e o poeta revela desde o início da obra que o país é predestinado a ser o Quinto e último grande Império da humanidade. Isso é o que Pessoa profetiza, assim como Bandarra e o padre Antônio Vieira. Esta retomada da consciência nacional por meio do sebastianismo é que permitirá a concretização do verdadeiro Sentido de Portugal que é ser O Quinto Império. Um Império Superior, que se configura em um plano também superior e que os portugueses não podem ver. O poeta é o instrumento para revelar à nação esta verdade oculta. Este Quinto Império trará a paz para todos os homens, portugueses ou não. Isso faz da *Mensagem* uma obra nacionalista, mas ao mesmo tempo mística e universal.

3.3. O poeta-profeta no poema *Terceiro*

Analisaremos o poeta como um profeta no poema *Terceiro*. Neste poema não há referência ao nome de Fernando Pessoa, mas não há como negar que se trata do poeta. Vejamos:

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de agua.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás ó Encoberto, Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Este poema é o terceiro *Aviso*. É composto por cinco quartetos octossílabos no total de vinte versos. Na primeira estrofe, o poeta revela toda sua angústia como

profeta, não como artista, pois como poeta a capacidade de Pessoa é inegável. O que o eu-poético lamenta aqui é o cansaço de pregar uma mensagem que ninguém mais vê e que, por isso, o deixa a falar sozinho como o profeta que prega no deserto. Atentemos para a alusão de beira-magua como uma analogia entre Portugal à beira mar-mágua. O mar é água e a mágoa supõe lágrima que também é água. Toda esta simbologia mostra como Portugal está tomado pelo mar e pela tristeza.

Ainda na primeira estrofe, o poeta coloca-se como o profeta angustiado, pois seu coração não tem outro desejo que não seja a volta do Messias. Só a esperança nesta volta oferece sentido à sua vida e à sua profecia. A não volta do Messias, angustia o poeta-profeta porque só ele é capaz de sentir seu Senhor, ninguém mais. Na segunda estrofe, o poeta continua a tratar de sua aflição quando explica que o simples fato de sentir a presença de seu Senhor e pensar nesta presença preenche sua vida, mas o eu-poético quer que o Messias volte para todos, não só em sua experiência individual. O poeta questiona quando é a hora e que hora será esta. Em Mensagem esta questão da Hora aparece pelo menos mais dois poemas de maneira clara. Isto enfatiza que a hora humana não é a mesma do plano divino.

Já na terceira, estrofe o poeta pergunta quando seu senhor será um mito tão difundido quanto o mito do Cristianismo. O eu-poético questiona quando seu Messias terá a força de um mito como Jesus Cristo para, enfim fundar o Império Cultural e Espiritual, cuja religião é aquele Cristianismo esquecido, o Cristianismo em suas origens. Na quarta estrofe, o poeta coloca-se nitidamente como profeta. O poeta é aquele que anuncia a mensagem da divindade, declara ser D. Sebastião o seu Senhor. Questiona em tom de súplica quando o rei encoberto retornara para que o profeta deixe de ser um “sopro incerto” a pregar em um deserto. Por fim, na quinta estrofe o poeta continua suas indagações. O poeta-profeta pergunta quando ele deixará de ser uma voz solitária que anuncia um senhor escondido pela névoa e pela saudade e quando este vai retornar para concretizar o que para ele é só uma esperança.

3.4. A poesia-profecia nos poemas *O Dos Castellos*, *A Última Nau* e *Nevoeiro*

Analizamos as epígrafes da *Mensagem*, no início deste capítulo, como frases proféticas que antecedem cantos de um ritual religioso. Agora, vejamos como estes cantos também apresentam fortes marcas proféticas. Transcrevemos, a seguir, os poemas *O Dos Castellos*; *A Última Nau* e *Nevoeiro* para depois examinar o caráter profético dos mesmos.

O Dos Castellos

A Europa jaz, posta nos covellos:
De oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia, onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apóia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

Este poema que inaugura a *Mensagem* é composto por doze versos divididos em quatro estrofes irregulares. As estrofes são compostas respectivamente por: quatro versos, cinco versos, dois versos e um verso. Este poema faz parte da primeira seção do *Brasão*: Os campos. Nesta seção, o poeta canta os campos simbólicos onde se inicia um grande império. *O Dos Castellos* mostra que até mesmo a posição geográfica de Portugal anuncia o destino glorioso do país por meio do mar.

Na primeira estrofe, a Europa jaz, como um corpo, deitada e apoiada nos cotovelos. Está deitada de Oriente a Ocidente a olhar para o Oceano Atlântico. A “cabeça” desta Europa é coberta de sonhos de aventuras e conquistas até certo ponto românticas. Podemos entender “romântico cabellos” como uma referência à simbologia da força que se esconde nos cabelos de Sansão e da célebre história de amor deste com Dalila. O rosto que está a olhar para o Ocidente além oceano, faz isso com os olhos da herança cultural grega.

Já na segunda estrofe, o poeta explica que o corpo que está deitado apóia-se nos cotovelos, o cotovelo esquerdo é a Itália e o direito é a Inglaterra. É no cotovelo direito que está apoiada a cabeça que fita o oceano. Assim, a Inglaterra pode ser vista como a base da Europa. Temos nesta imagem o desenho da herança latina e britânica como princípios formadores do novo império que se anuncia no século XV. A mão que sustenta o rosto é mão do cotovelo da Inglaterra. Portanto, Portugal daria continuidade ao Império britânico.

Na última estrofe, notamos que o olhar com que a Europa fita o novo ocidente é um olhar “esfíngico” e “fatal”. Assim, este olhar da Europa renascentista é um olhar misterioso e decido. O olhar em direção ao oceano Atlântico é um olhar de quem pretende cumprir e dar continuidade ao passado. Este olhar é o “futuro do passado”, ou seja, é um olhar de quem vê a concretização de conquistas de um novo império herdeiro do passado greco-romano. No último verso *Dos Castellos*, o poeta revela que o rosto que olha para o oceano Atlântico e pretende cumprir o “futuro do passado” é Portugal. Enfim, neste poema o poeta evidencia os sinais que indicavam o futuro de Portugal naquele momento. A poesia configura-se, então, como uma palavra simbólica que revela outra realidade além-símbolo.

Examinamos, a seguir, outro poema da *Mensagem* que também retrata esta poesia-profecia. Vejamos o poema *A Última Nau*:

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de anciã e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
 Aportou? Voltará da sorte incerta
 Que teve?
 Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
 Mas sua luz projecta-o, sonho escuro
 E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
 Mais a minha alma atlantica se exalta
 E entorna,
 E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
 Vejo entre a cerração teu vulto baço
 Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora.
 Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
 Mystério.
 Surges ao sol em mim, e a nevoa finda;
 A mesma, e trazes o pendão ainda
 Do Imperio.

A *Última Nau* é o décimo primeiro poema da seção intitulada *Mar Portuguez*. Este poema apresenta ao todo vinte e quatro versos divididos em quatro sextilhas em que predominam os versos decassílabos. O eu-poético faz referência a uma última nau simbólica para ressaltar que com o desaparecimento de D. Sebastião o império português também se desfez, porque o rei simbolizava a essência do verdadeiro Portugal, bem como a nau representa a vocação desbravadora deste Império. Assim, em Álcacer Quibir, desaparecem não só o rei, mas também a essência da raça lusitana. D. Sebastião levou consigo o espírito português de toda uma época, a era dos grandes descobrimentos marítimos se desfaz e o império morre com D. Sebastião.

Sendo assim cabe ao poeta revelar que D. Sebastião está vivo em alguma ilha, onde espera para regressar. Este regresso não pode ser corporal, mas sim espiritual, quando os portugueses recuperarem sua alma D. Sebastião terá

regressado de outra forma, mas um retorno muito mais poderoso, pois será um novo D. Sebastião que trará consigo outra nau para fundar um novo Império. Este rei encoberto encontra em Fernando Pessoa o seu arauto e na poesia deste a sua forma de se revelar.

A referência a uma ilha encoberta onde D. Sebastião permanece escondido pela neblina a esperar a hora de retornar remete à Ilha de Avalon, onde está também escondido pela neblina o rei Artur. Questionamos-nos: será coincidência? Podemos entender que se trata de uma mesma ilha ou, melhor, que se trata de um mesmo rei um rei Superior ao rei D. Sebastião e ao rei Artur, um rei-mito. Este sentido da poesia-mítica da *Mensagem* confere a esta obra o seu carácter universal, porque os mitos são universais, apenas cada qual oferece uma versão, mas o mito é o mesmo.

Vejamos, agora, o último poema da *Mensagem*. Acrescentamos a este poema a saudação final da obra para ilustrar a nossa exposição do carácter místico desta palavra poética, haja vista que *Valete Frates* é uma das saudações da sociedade secreta maçônica. Vamos ao poema *Nevoeiro*:

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Quem anciã distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

Valete, Frates¹⁶.

Este poema que encerra a *Mensagem* é composto por: quatorze versos dispostos em três estrofes; a primeira com seis versos; a segunda com sete versos e a última com um verso. Neste poema, o poeta revela o estado que se encontra Portugal em sua época. Segundo o eu-poético, Portugal está coberto por um nevoeiro a esperar pelo nascer do sol, capaz de dissipar esta neblina. É uma bela imagem para dizer que Portugal é um país que está estagnado, atrasado em relação aos países de maior expressão na Europa. Enfim, Portugal perdeu o brilho de outrora, agora se encontra apagado, ofuscado por uma espessa neblina.

Esta situação da pátria faz do povo português como uma nação triste, tão triste que “nem rei nem lei, nem paz nem guerra” são suficientes para comparar o que a estagnação da pátria faz com o povo. O país está sem alma, sem originalidade. Por isso, Pessoa em sua genialidade acredita ser capaz de fazer ressurgir o brilho deste país tão apagado, pois carrega consigo o verdadeiro espírito português que se foi com D. Sebastião. O eu-poético pinta este triste quadro para simbolizar que a vida dos portugueses está assim porque estes se afastaram do real espírito da raça e uma vida assim é “um brilho sem luz e sem arder” tal qual o brilho do “fogo fátuo” que um brilho sem graça, por ser o brilho de um fogo de algo que está em decomposição.

Assim, mesmo quando há alguns expoentes do espírito lusitano em grandes talentos, estes não são suficientes para dissipar a situação de isolamento político-cultural que Portugal se encontra. Para Pessoa, só um grande artista como ele seria capaz de trazer consigo o “sol” acabar de vez com esta neblina. Com isso, na segunda estrofe Pessoa coloca Portugal como um país perdido: “ninguém sabe o que coisa quer / Ninguém conhece a lama que tem”. Um país assim apresenta tudo pela metade porque desconhece a si, está perdido e não consegue enxergar o seu verdadeiro eu. Portugal está coberto por um forte nevoeiro que impede o país de ver como realmente é, mas agora “É a Hora!”, proclama Pessoa. Este último verso tem um duplo sentido: é a hora da neblina sumir e surgir por o entre o sol a verdadeira pátria português, porém no âmbito do eu podemos entender que é a hora de terminar o ritual, por isso, no final à saudação religiosa dos maçons.

¹⁶ Valei, Irmãos

Esta hora pode ser a hora humana ou divina. É a hora do poema-oração terminar e a profecia se concretizar. Cabe aos leitores-ouvintes ver os mistérios anunciados pelo poeta-profeta. Cabe aos receptores desta poesia, a compreensão da mensagem para que o sol que nela se anuncia brilhe em cada um. Assim, a luz divina, que possui o poeta estará em todos a nos tirar da escuridão na direção de um novo dia: o saber. Esta poesia de caráter místico-profético recupera o valor educacional da poesia antiga e até mesmo a maiêutica se pensarmos no sol como a sabedoria (luz divina) que está em cada um de nós. Podemos relacionar esta "Hora" com a hora do poema Terceiro que já analisamos. Assim, Fernando Pessoa está terminar um ritual de iniciação e se despede de seus irmãos de fé com a esta saudação mística: "Valete, Frates"

Conclusão

Ao final desta pesquisa, podemos afirmar que a obra *Mensagem* de Fernando Pessoa é uma poesia de revelação. O poeta é um mensageiro e a poesia é a linguagem proveniente de um ser divino. Em nosso projeto de pesquisa inicial pretendíamos avaliar a poesia ortônima com base na questão sebastianista. Contudo, no decorrer da pesquisa verificamos que o sebastianismo é um dos aspectos que integram a poesia mística do ortônimo. Mesmo quando Pessoa trata de um sebastianismo racional, na realidade este sebastianismo não se afasta do misticismo, haja vista que ao examinar a poesia da *Mensagem* como um todo, não só em seu aspecto sebastianista, vemos que a questão racional a qual o poeta se refere em uma de seus escritos em prosa, é em relação tratamento do mito.

Sendo assim, esta poesia que canta o mito é um resgate da poesia arcaica em que o mito expressava aos homens mensagens divinas. Todo mito possuía um tom místico e era cantado pela poesia. Mesmo em Platão, estes mitos não deixam de possuir seu caráter divino e poético. A questão é que este misticismo religioso difer muito do que hoje entendemos por religião. A verdade que os mitos revelavam era divina, mas provinha de uma concepção em que a figura divina era a razão suprema. Mesmo que a percepção dos mitos se desse pelos sentidos, estes sentidos que eram principalmente os de compaixão e de terror, refletiam justamente que estes eram produto de uma razão deveras superior, pois estas paixões afloradas ao contato com o mito demonstravam que quando o homem reconhece o que está dentro de si por meio do outro acontece estes efeitos. Assim, a poesia mítica é também uma maneira de conhecer e reconhecer a verdade que está em nós e muitas vezes não vemos.

Por isso, na *Mensagem* Fernando Pessoa pretende fazer com que, por meio da poesia, os ouvintes-leitores possam experimentar a experiência do conhecimento da verdade oculta de si mesmos e/ou da história de Portugal, que poderia ser a história de muitos outros Impérios. O caráter universal da *Mensagem* se deve ao fato desta obra ser um poema mítico. O mito amplia muito mais o olhar, por exemplo, o mito do sebastianismo é um mito de espera saudosista em que há a espera de um retorno, no caso, o retorno é o da alma verdadeira de Portugal que D. Sebastião representa e não um retorno do rei em si. Desta forma, o mito sebastianista aplica-

se não só aos portugueses, mas até mesmo a nós, quando muitas vezes não sabemos o realmente somos em nossa essência, em nossa alma.

Assim, a poesia do ortônimo na *Mensagem* é uma poesia mística, uma poesia que canta uma palavra sagrada e que como tal revela a verdade oculta aos nossos olhos. A poesia é um canto religioso, porém a religiosidade em questão é de fundamento pagão, cujos mitos revelam aspectos do plano divino que estava em todos os níveis do mundo humano, porém, muitas vezes os homens não viam. Assim, os mitos constituem uma narrativa religiosa que vem revelar a presença do sagrado no profano. Para que os homens pudessem reconhecer esta verdade oculta, a poesia serve-se de imagens para expor aos sentidos humanos a presença dessa divindade.

Mesmo com a separação do pensamento mítico como um pensamento religioso-poético e do pensamento laico como um pensamento filosófico-científico. Examinamos que os fatores místicos do mito ainda permanecem em Platão e, mesmo diante da condenação da poesia na *República* encontramos na filosofia de Platão um contraponto a esta condenação no Íon, que utilizamos para verificar como os preceitos platônicos inspiram a poesia ortônima, sem que a mesma seja uma filosofia.

Dessa maneira, no primeiro capítulo examinamos alguns preceitos da filosofia platônica que marcam de maneira decisiva a poesia ortonímica de Fernando Pessoa. Para analisar, com maior propriedade a poesia da *Mensagem* como uma poesia que retoma valores arcaicos de poética, tais como: a poesia como inspiração e a religiosidade pagã, mais precisamente, o orfismo platônico. Neste capítulo verificamos a teoria da poesia como uma inspiração divina, cujo o poeta ao ser possuído pela divindade profere as palavras desta divindade. Para investigar esta teoria tomamos como base o Íon. Por fim, tratamos da questão religiosa por meio de uma breve análise do orfismo como uma das religiões de mistério da Grécia Antiga e que vão influenciar de maneira direta a filosofia de então.

Já no segundo capítulo, examinamos como estes preceitos arcaicos de poesia se configuram na *Mensagem* e como Pessoa reaproxima em sua poesia a religiosidade poética da Antiguidade com a estética Moderna. Assim, analisamos alguns fundamentos da mística pessoana. No terceiro e último capítulo, analisamos o poeta como um profeta e a poesia como uma profecia. Estes aspectos são o que fazem da *Mensagem* uma poesia de caráter místico, não o misticismo das religiões

modernas, mas um misticismo antigo, que tem na poesia sua melhor forma de expressão. Os poemas da referida obra podem ser entendidos nesta perspectiva como orações de uma religião autêntica, que para Pessoa o Cristianismo ao se fundamentar em tantas instituições acaba por perder.

Portanto, diante das análises feitas neste estudo, ampliamos a nossa questão inicial e, com isso, adquirimos novas hipóteses de pesquisa que poderemos examinar em próximos trabalhos acadêmicos. Sendo assim, podemos dizer que ao final desta dissertação encontramos uma forma de responder ao questionamento que deu origem a esta pesquisa, porém, este ângulo de análise permite que examinemos um aspecto de um dos textos-personagens de Fernando Pessoa.

Com isso, diante da complexidade e pluralidade de textos-personagens que constituem a obra pessoana, não poderíamos tratar de respostas nesta conclusão, porque a única verdade que Fernando Pessoa prega em sua obra é que não há uma verdade, porque todas as verdades são possíveis. O poeta não está preocupado, em sua poesia, em responder aos seus questionamentos, o que vale para ele é a essência de sua raça em o que vale não é encontrar a verdade, mas sim o prazer da busca. Isto Fernando Pessoa faz de maneira brilhante por meio de muitos textos (caminhos) um deles é o poeta ortônimo que analisamos nesta pesquisa.

Bibliografia:

I. Obras Teóricas:

AZEVEDO, João Lúcio. **A evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Livraria Clássica, 1947.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BESSELARR, José Van Den. **O Sebastianismo**: história sumária. Lisboa: ICALP, 1987.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORNFORD, F.W. **PRINCIPIUM SAPIENTIAE**. *As origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácios de W. K. C Guthrie. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Título original em inglês: *Myth and reality*. Tradução: Paolla Civelli.. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães. **Fragmentos órficos**. Organização e tradução de Gabriela Guimarães Gazzinelli. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HAMLYN, D.W. **Uma História da Filosofia Ocidental**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**: A construção do Sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

KRAUSZ, Luis S. **As Musas: Poesia e divindade na Grécia Arcaica**. São Paulo: edusp, 2007.

MOISÉS, Maussud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PAZ, OCTÁVIO. **Signos em Rotação**. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

PEREIRA, Ivanete. **Aspectos sagrados do mito e do logos: Poesia Hesiódica e filosofia de Empédocles**. São Paulo: Educ, 2006.

PLATÃO. **A República**. Coleção Pensadores. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

_____. **Apologia de Sócrates / Banquete**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. Tradução por Jean Melville. São Paulo Martin Claret, 2004.

_____. **Fedro**. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004

_____. **Íon**. Introdução, tradução e notas de Victor Jabouille. Lisboa: Editorial Inquérito, 1988.

ROGUE, Christophe. **Compreender Platão**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Scipione, 1994

SERRÃO, Joel. **Do Sebastianismo ao Socialismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

SZLEZÁK, Thomas A. **Ler Platão**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyla, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**: estudos de Psicologia Histórica. 2ª edição. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VICTÓRIA, Luiz A. P. **Dicionário básico de Mitologia**: Grécia, Roma, Egito. Ilustrado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

II. Obras sobre Fernando Pessoa

ANTUNES, Alfredo. **Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa**: Elementos para uma antropologia filosófica. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

CAMOCARDI, Elêusis M. **Fernando Pessoa. Mensagem**: História, Mito, Metáfora. Coleção Universidade Aberta. São Paulo: Arte e Ciência, 1996.

CENTENO, Ivete K. C. Fernando Pessoa: Hermetismo e poesia. In: **Fernando Pessoa / Retrato-Memória**. Lisboa: Faculdade de Filosofia, 1989.

COSTA, Dalila L. Pereira Da. **O Esoterismo de Fernando Pessoa**. Introdução e posfácio por António Quadros. 3ª edição revista. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987.

HENRIQUES, Mendo Castro. **As coerências de Fernando Pessoa**. Lisboa: Editorial Verbo, 1989

HIPÓLITO, Nuno. **As Mensagens da “Mensagem”**: A *Mensagem* de Fernando Pessoa anotada e comentada. [s.l]: Portal Pessoa. Disponível em: <<http://www.PortalPessoa.Org>>

LOURENÇO, Eduardo. A existência mítica ou a porta aberta. In: **Pessoa Revisitado**: Leitura Estruturante do Drama em Gente. Lisboa: Gradiva, 2003.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Fernando Pessoa**: almoxarifado de mitos. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

_____. **Roteiro de Leitura**: Mensagem de Fernando Pessoa. São Paulo: Ática, 1996.

MOISÉS, Maussud. **Fernando Pessoa**: o espelho e a esfinge. São Paulo: Cultrix, 1998.

ORDOÑES, Andrés. **Fernando Pessoa, um místico sem fé**: uma aproximação ao pensamento heteronímico. Tradução de Sonia Regina Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

OSAKABE, Haquira. **Fernando Pessoa, resposta à decadência**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2001

_____. Pessoa de todos (os) nós. In: _____. **Inútil poesia** e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 145-150.

_____. Pessoa e o futurismo. In: _____. **Inútil poesia** e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 151-157.

SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. Coleção estudos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.

_____. **O Heterotexto Pessoaano**. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva / Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SERRÃO, Joel. **Fernando Pessoa, Cidadão do imaginário**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

III. Obras de Fernando Pessoa

PESSOA, Fernando. **As origens e a essência da Maçonaria**. Coleção Novos Caminhos. São Paulo: Landy Editora, 2006.

_____. **Mensagem / Poemas Esotéricos**. Coleção Archivos. [s.l]: Scipione Cultural / ALLCAXX, 1997.

_____. **Obra em Prosa**. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

_____. **Portugal, Sebastianismo e Quinto Império**. Fernando pessoa. Prefácio, introdução, notas e organização de António quadros. Portugal: Publicações Europa-América, [19 –]